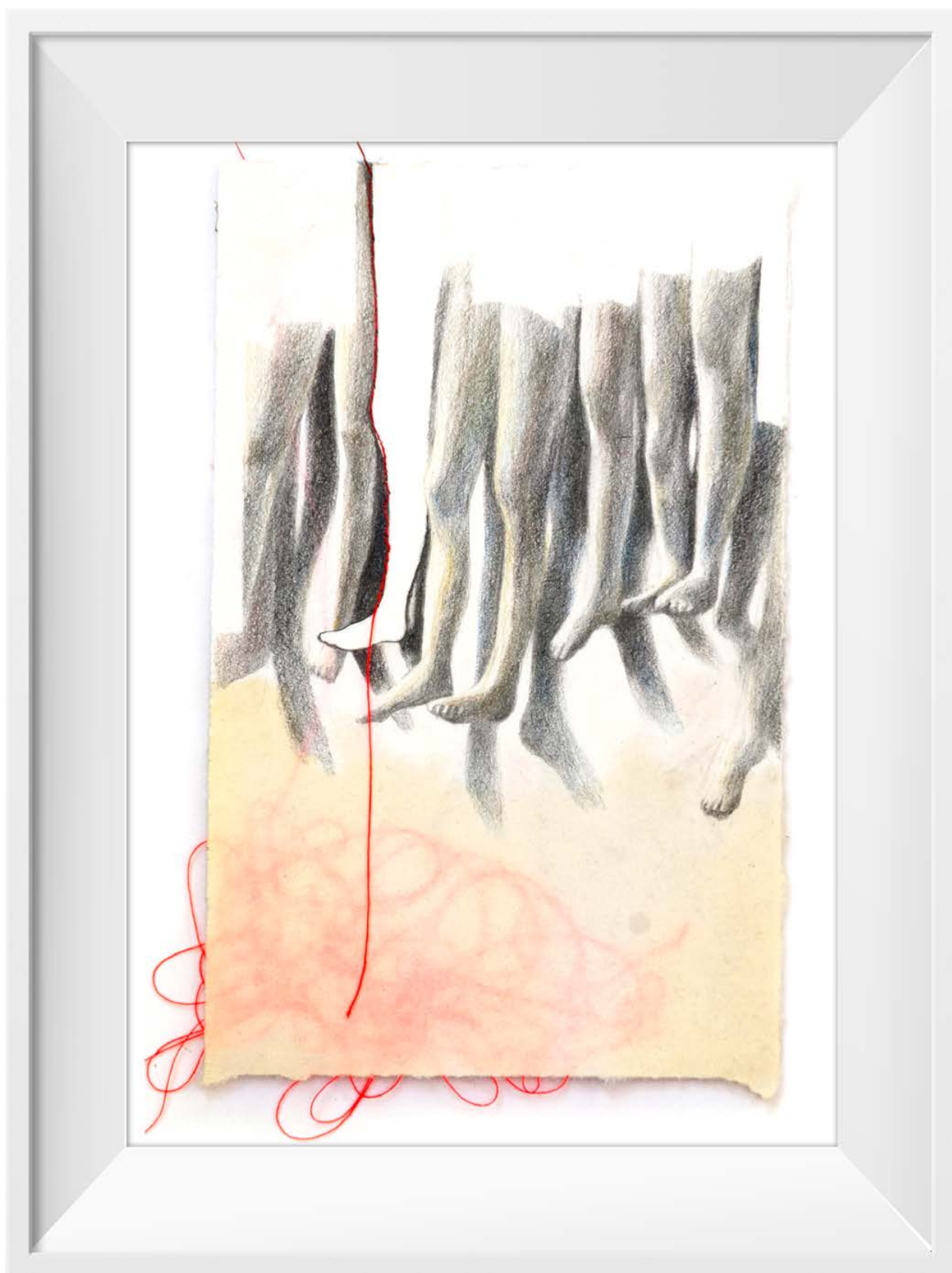
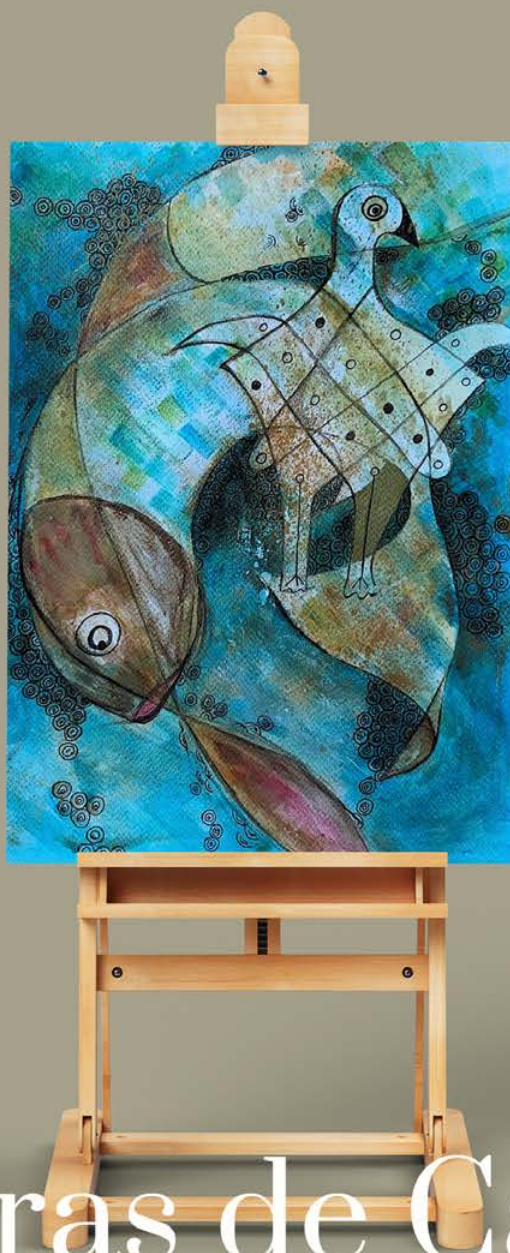


DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Obras de Capa Erika Jâmece

CAMÕES – INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P., LISBOA
PATENTE AO PÚBLICO ATÉ 24 DE MARÇO

O B R A S D E C A P A . P T

p/ 06 e 07.

Exposição Obras de Capa de Erika Jâmece
Festa. Os campeões e as eleições legislativas

p/ 12.

Grande Entrevista
Professor, autor premiado e cientista condecorado Carlos Fiolhais

p/ 28.

Migrações. Quero empreender em Portugal. Devo pedir um visto para Imigrantes Empreendedores ou solicitar um Startup Visa?

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 38.

Artes e Artistas Lusos. John Goulart
Por Terry Costa

p/ 44.

Ambiente. A escassez de água em Portugal
Por Vítor Afonso

p/ 67.

O IVA nas empreitadas de beneficiação de habitação própria
Por Rogério M. Fernandes Ferreira

Obra de capa

Título: Les jambes de Rebecca

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

Descrição da obra:

Corpo fragmentado, corpo desenraizado.

As pernas são as nossas “rodas”, ou seja, os instrumentos que nos transportam pelo mundo. Representam o movimento, são sinónimos de vida. Pernas suspensas, incapazes de andar. Expostas como numa montra. O que as impede de avançar?

Este desenho evoca uma amizade, mas é sobretudo a expressão dum sentimento de pausa, de impedimento. Uma divisão entre dois mundos, entre dois territórios afetivos. Entre o desejo de avançar e a necessidade de entretecer o fio que retém, tal um cordão umbilical.

As pernas suspensas recusam tocar com os pés no chão. Pausa: a menina não quer crescer! Nesta acumulação de pernas surge um espaço, um momento de silêncio. Da fricção entre o antes e o depois surge o “agora”.

Sónia Aniceto

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fatima Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 14, Março 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

A redação e a administração da Descendências Magazine ponderaram não publicar este mês.

A gravidade dos acontecimentos dos últimos dias fez-nos pensar em suspender a publicação. Por respeito a todos os que participaram na elaboração da revista de março, aos nossos leitores, e anunciantes, entendemos avançar, sendo também este um ato de manifestação e apoio à liberdade.

Sónia Aniceto continua todos os meses a surpreender-nos, desta feita com a belíssima obra “Les jambes de Rebecca”. As Obras de Capa estão aliás em destaque, com a inauguração da exposição no passado dia 24 de março na sede do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., em Lisboa, (parceiro institucional deste projeto) da artista plástica Erika Jâmece. O Presidente da AILD, Philippe Fernandes relembra a importância das comunidades portuguesas no estrangeiro, e a forma desrespeitosa com que foi tratada no último processo eleitoral. A associada do mês é Christina Baum, tradutora literária, escritora e professora de português e literatura em Londres. A Grande entrevista de março é com o Professor, autor premiado e cientista condecorado, Carlos Fiolhais. Não perca! O habitual espaço do Conselho das Comunidades Portuguesas é da res-

ponsabilidade do Conselheiro Alfredo Stoffel, que nos faz o retrato de um candidato às eleições legislativas no círculo da Europa. Na divulgação que iniciamos este ano dos media de língua portuguesa pelo mundo, convidamos um Orgão de informação com 27 anos: O Portugal Post. Fique a saber tudo sobre este importante jornal nas palavras do seu diretor Tiago Pinto Pais. Terry Costa apresenta-nos John Goulart, um dos melhores guitarristas do Canadá. Com imagens reais da seca em Portugal, Vítor Afonso traz-nos um tema bem atual: a escassez de água. Cristina Barradas explica-nos a importância da mentoria em conjugação com a caminhada na natureza. Propositadamente e mesmo à última hora foi selecionado um poema de Natércia Freire, que apela à PAZ. Rodrigo Vargas é o artista por detrás da lente, com uma seleção de fotografias magníficas. Continuamos a viagem pela cidade encantadora em Portugal e logo de seguida apanhamos um voo para Havana, onde o João Costa nos vai guiar pela cidade. Ainda vai ficar a saber qual é a origem da palavra «filho» e qual é afinal o valor do IVA nas empreitadas de beneficiação de habitação própria. Por fim, a 2ª parte do artigo dos Trabalhadores Transfronteiriços e das suas obrigações fiscais. Só bons motivos de leitura.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A I L D

Obras de Capa Erika Jâmece

No âmbito do projeto da AILD - Associação Internacional dos Lusodescendentes - Obras de Capa, teve lugar, no dia 24 de fevereiro de 2022, às 18h00, na sede do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., em Lisboa, a inauguração da III Edição da exposição “Obras de Capa”, da artista plástica angolana Erika Jâmece.

A iniciativa foi organizada pela AILD e pela revista “Descendências Magazine” e nasceu da ideia original de representar 12 quadros, ao longo de 12 meses de edições, na capa da Descendências Magazine, dando assim continuidade ao projeto, que conta com apoio do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. .

A inauguração contou com a participação e presença da artista Erika Jâmece, tendo também estado presentes no evento o Embaixador João Ribeiro de Almeida, Presidente do Camões, I.P. e Carlos Alberto de Carvalho Fonseca, Embaixador de Angola em Portugal. Marcaram também presença Gilda Pereira, Diretora Adjunta da



Descendências Magazine, e Philippe Fernandes, Presidente da Associação Internacional dos Lusodescendentes.

A exposição poderá ser visitada na sede do Camões, I.P. (Avenida da Liberdade, 270) até ao dia 24 de março de 2022, nos dias úteis, das 9h30 às 13h30 e das 14h30 às 18h30.

O projeto “Obras de Capa” iniciou o seu percurso com o artista Carlos Farinha, que passou o testemunho a Is-

mael Sequeira, seguindo-se Erika Jâmece. Trata-se de 3 artistas com estilos e origens diferentes, mas têm um traço em comum, o amor a Portugal!

Um agradecimento especial aos artistas, que transformam a capa da Descendências Magazine em obras de arte. Destacar e agradecer ao Camões, I.P., na pessoa do seu presidente, não só pela presença no evento, mas pelo apoio e parceria na implementação deste projeto. E naturalmente, um agradecimento ao Senhor Embaixador de Angola em Portugal, a todos os presentes e todos quantos têm tornado possível este evento e todo o projeto desde o início.

E ao partilhar este evento das “Obras de Capa”, não podia deixar de partilhar também, as palavras de Philippe Fernandes, presidente da AILD, “As Obras de Capa, são na verdade a imagem da AILD, ou seja, um projeto que nasce do nada, apenas com a paixão e o sonho de criar algo, mas algo com propósito, com alma e uma mensagem”.

Portugal mais uma vez participou e ganhou a final do Europeu de Futsal. Podemos estar acostumados ao facto de ganhar estas finais, mas não devemos ficar deslumbrados com este feito, que é efetivamente notável, mas fruto de um conjunto de jogadores de grande nível e de uma excelente equipa técnica. A equipa portuguesa não se ressentiu da ausência inesquecível do maior jogador de futsal de sempre, o Ricardinho também conhecido como o Mágico, já que sem dúvida a sua influência e carisma deve ainda estar bem viva nos atuais jogadores da seleção portuguesa. Mas não foi só na Holanda que participámos numa festa, também em Portugal houve outra

festa, a festa da democracia com as eleições legislativas. Tal como os jogadores portugueses de futsal que lutaram, sofreram, e foram resilientes no estrangeiro, os cidadãos portugueses, que quiseram votar, viveram também dessa maneira este ato simples de cidadania, ou que pelo menos deveria ser simples. Quem já viveu essa experiência, sabe que é preciso ter muita garra para exercer esse direito, pois parece que tudo é feito para desmotivar o exercício desse direito. Parece-me que não existe nenhuma conspiração nesse sentido, mas sim alguma falta de cuidado e desmazelo especialmente no que diz respeito aos cidadãos que vivem fora de Portugal.

| AILD Festa

É certo que aparecem sempre alguns entendidos nas vésperas das eleições, que reconhecem a situação, chegando mesmo a propor soluções, mas depois nada é feito para que a situação se altere e nas vésperas das próximas eleições, ouvimos de novo os mesmos comentários. Esta situação já se repete há muito e não se percebe porque é que quem tem o poder para resolver e corrigir, não ganha vergonha e toma as decisões que se impõem, implementando finalmente soluções práticas e aproveitando todos os recursos tecnológicos que hoje em dia existem.

O país sairia certamente muito prejudicado, se os portugueses e lusodescendentes se desmotivarem de exercerem os seus direitos e obrigações associados à sua nacionalidade portuguesa. É certamente desmotivador e arrasador, saber que 80% dos votos foram invalidados, no momento da sua contagem. O país tem uma grande dívida para com as comunidades portuguesas no estrangeiro, o mínimo que se pode fazer é ajudar esses portugueses a viver a sua cidadania portuguesa de forma plena e a participar nas eleições do seu país.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

A I L D

Christina Baum

País de nascimento:

Brasil

País/Cidade onde reside:

Reino Unido, Londres

Origens lusófonas:

Minha família se estabeleceu no Brasil há muitos anos, mas todos vieram de Portugal.

Por parte de mãe, sou descendente do primeiro rei de Portugal.



Tradutora literária, escritora e professora de português e literatura no City Lit, Londres. Por 10 anos, foi diretora e curadora de festivais literários no Brasil, Reino Unido e Médio Oriente.

Como adora estudar, está a fazer um PhD em escrita criativa na Birkbeck, Universidade de Londres.



O que faz profissionalmente? Sempre foi a sua paixão?

Sou tradutora literária, escritora e professora de português e literatura no City Lit, em Londres. Por 10 anos, fui diretora e curadora de festivais literários no Brasil, Reino Unido e Médio Oriente. Como adoro estudar, estou fazendo um PhD em escrita criativa na Birkbeck, Universidade de Londres.

Há quanto tempo vive no Reino Unido?

Moro no Reino Unido há 26 anos e o que me trouxe aqui foi minha paixão pela língua inglesa. Recentemente, acabei de escrever um livro de não ficção, o *English and Me: A Life Translated* (ainda não publicado) que fala da minha experiência de vir morar no UK para aperfeiçoar inglês e me tornar britânica.

Pensa regressar ao seu país de origem? O que sente falta do Brasil?

Meus amigos me perguntam se um dia voltarei a morar no Brasil. Apesar de sentir falta das pessoas queridas, dos dias ensolarados, da praia, da mata atlântica e da comida (bolinho de bacalhau, pão de queijo, mandioca frita, mamão papaia com limão, suco de maracujá, água de coco e caipirinha), não creio que voltarei a morar lá. Depois de 26 anos morando fora do Brasil, não me sinto nem brasileira, nem inglesa – sou brasileira!

O que menos gosta do Brasil?

Da política atual, burocracia, desigualdade social e violência.



Desafios e projetos para 2022? Quais os projetos que pretende desenvolver na AILD?

Faço parte da equipe de ações culturais da AILD. Para 2022, criamos o Portuguese in Translation Book Club – PinT – um clube de leitura dedicado à discussão de livros de autores de língua portuguesa, que será realizado a cada dois meses, online, aberto ao público em geral. O PinT contará com a presença dos autores e tradutores. O objetivo é promover e divulgar a literatura e diversidade cultural de todos os países de língua portuguesa.

Além disso, criei um curso online para o City Lit de português para estrangeiros que consiste em leituras e análises de obras literárias de autores contemporâneos lusófonos de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau. O curso conta com a participação de alguns autores. Este trimestre, convidamos Susana Ventura (Brasil), Paulo Scott (Brasil), Gabriela Ruivo Trindade (Portugal).

<https://www.citylit.ac.uk/courses/portuguese-6-culture-and-literature>

Porque se tornou associado da AILD?

Minha amiga portuguesa, Gabriela Ruivo Trindade, convidou-me para participar de sua equipe de ações culturais

da AILD. Achei muito interessante a proposta da associação de divulgar a língua portuguesa, promover a diversidade das culturas lusófonas e conectá-las por meio de uma rede internacional.

Inevitável no momento que estamos a atravessar perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia? Que impacto está a ter na sua vida?

Minha mãe morreu de Covid em fevereiro de 2021, antes que as vacinas estivessem disponíveis no Brasil. Fui às pressas ao Brasil e senti na pele a falta de seriedade do governo brasileiro com relação à pandemia.

Quanto ao meu trabalho, adaptei-me muito bem a dar aulas online e aos poucos tenho aperfeiçoado o meu conhecimento tecnológico.

Uma mensagem para as comunidades lusófonas.

Vamos celebrar a beleza e a riqueza da nossa língua portuguesa!

QUINTADARIBEIRINHA.PT





GRANDE ENTREVISTA

PROFESSOR, AUTOR PREMIADO E CIENTISTA CONDECORADO

CARLOS FIOLHAIS

Carlos Fiolhais nasceu em Lisboa em 1956, mas cedo partiu para Coimbra, onde estudou e se formou em Física, na Faculdade de Ciências e Tecnologia, daquela cidade universitária. Por lá ficou, durante vários anos, tendo-se tornado num dos nomes mais conhecidos do país na divulgação da ciência. Pelo caminho publicou dezenas de livros e centenas de artigos científicos, pedagógicos e de divulgação. Em 2021, após 44 anos a exercer a docência, a investigação e a extensão cultural na Universidade de Coimbra, despediu-se da vida catedrática, sem nunca se despedir do seu papel de cientista, ensaísta e do país. Fique a conhecer nas próximas páginas desta edição da Descendências Magazine um dos cientistas e divulgadores de ciência de maior renome em Portugal.



© Joana Silva

É físico, guardador de livros, divulgador de ciência. Foi também professor catedrático da Universidade de Coimbra, durante 44 anos, posto do qual se despediu em 2021, com uma última lição sobre história da ciência. Começamos a nossa conversa por conhecer um pouco melhor o homem por detrás da ciência. Quem foi e quem é Carlos Fiolhais?

Não sou a melhor pessoa para falar de mim. Somos todos a acumulação do nosso passado. Fui um rapazinho cheio de curiosidade, que descobriu a ciência nos livros de divulgação científica. Tive a grata oportunidade de entrar na aventura do conhecimento, correndo vários sítios do mundo, e

conhecendo pessoas, em cuja companhia pude dar alguns contributos para a física porque nessa ciência como na vida nada se faz sozinho. Ajudei a lançar novas áreas da investigação em Coimbra e em Portugal, baseadas em meios computacionais. Na Universidade de Coimbra tive muitos alunos em várias disciplinas: ensinei e aprendi. Ajudei na modernização dos equipamentos e serviços informáticos, fazendo surgir os primeiros supercomputadores, e também nos serviços de biblioteca, à frente da Biblioteca Geral da Universidade, criando repositórios digitais e facilitando o acesso aos livros e a cultura. Para além da investigação, do ensino e dos serviços universitários procurei sempre dar





aos outros aquilo que me foi dado: tenho, por isso, procurado comunicar ciência através dos livros e de vários outros meios. A receção encontrada tem-me encorajado a prosseguir. É preciso reforçar a confiança na ciência e, para isso, é preciso mostrar que a ciência é parte da vasta cultura humana. Hoje continuo, como ontem, a interessar-me pelo mundo à minha volta, que a ciência ajuda a iluminar.

Carlos Fiolhais tem agora 65 anos e um percurso marcado pela divulgação da ciência, com 60 livros publicados. Em que momento da sua vida ocorre o seu “entrelaçamento” com a ciência e com a Física?

No liceu, hoje chamada escola secundária. Tendo de escolher entre letras e ciências, escolhi ciências sem nunca me ter desinteressado das letras. De entre as ciências escolhi a Física, por ser a ciência da Natureza mais geral. Ela trata das leis universais do funcionamento do mundo e nela assentam a Química, a Biologia, a Geologia, etc. Interessou-me desde o início a Física do muito pequeno: os átomos, os núcleos atômicos e as partículas. Afinal, tudo é feito de átomos ou das suas partes. Nós também. Mais tarde percebi que nem tudo se percebe olhando apenas para as partes. No mundo, o todo é na maior parte das vezes maior do que a soma das partes.

Após 44 anos a exercer a docência, a investigação e a extensão cultural na Universidade de Coimbra, despediu-se das aulas em julho de 2021. Apesar disso, podemos afirmar que não se despediu do seu papel de cientista, ensaísta, e do país?

Claro que não. Eu continuo a ser eu, as minhas circunstâncias é que mudaram. Era chegada a altura de dar lugar aos mais novos, dando-lhes as oportunidades como aquelas que eu próprio tive.

A ciência é uma construção humana permanente, onde é sempre precisa a maior criatividade que as mentes jovens têm em abundância. Já não tenho a mesma criatividade científica que tive, mas, com a experiência acumulada, continuo a contribuir para o país e o mundo com aquilo que posso. Procuro ter a mente ativa, leio e escrevo muito (ninguém pode escrever, pouco ou muito, sem ler muito!), vou falar a alguns dos sítios onde me convidam... Tenho uma atitude otimista perante a vida, o que é aliás uma marca da maioria dos cientistas. Portugal é o sítio do mundo onde vivo e julgo que, no meu sítio, ainda se pode saber mais e ser melhor. Estou convicto que amanhã poderemos saber mais e que, com base nesse conhecimento (não é garantido, porque ao conhecimento têm de acrescer os valores...) poderemos ser melhores.

Recentemente, afirmou confiar nas novas gerações, mas mostrou-se triste com a falta de investimento na ciência. A ciência é muito usada na boca dos políticos, mas não tem sido posta em prática?

Portugal ainda gasta muito pouco com a ciência. Os últimos números indicam 1,6% do PIB de investimento em ciência e tecnologia, mas a média da União Europeia é 2,2% e a meta europeia para 2030 é 3%. Estamos nesse aspeto como noutros atrás. Sim, a ciência anda muitas vezes na boca dos políticos, que a usam como palavra da moda, mas a realidade fica muitas vezes atrás das suas afirmações. Por exemplo, o nosso sistema científico ainda está algo desligado do ensino superior. Cresceu muito, mas cresceu sobretudo com o pé fora das universidades e politécnicos, sem um bom entrosamento institucional. E está muito desligado da economia: toda a nova economia se baseia inteiramente no conhecimento científico e, apesar de alguns bons exemplos, a inovação ainda nos é arre-



© Joana Silva

dia. Basta ver quão poucos doutorados estão a trabalhar nas empresas; não sendo absorvidos nem pelas escolas de ensino superior nem pelas empresas, muitos jovens continuam a procurar carreiras lá fora, o que podendo ser bom para eles, não o é necessariamente para nós. Por cima de tudo, a cultura nacional prevalecente ainda vê muitas vezes a ciência como coisa estranha. Temos de pensar na ciência como um fonte de riqueza não só material como intelectual.

O Primeiro-Ministro, António Costa, afirmou que Portugal conhece bem o valor da ciência enquanto força transformadora e que essa tem sido a motivação que pautou a estratégia dos últimos anos, com investimentos significativos e, muito importante, com investimentos continuados na investigação e inovação feita em Portugal. Será necessário fazer ainda mais?

O discurso do governo – como é costume dos governos – está cheio de retórica. Mas na ciência ninguém está satisfeito: as instituições estão terrivelmente subfinanciadas,

os jovens não têm lugares, os concursos para projetos deixam de fora algumas das melhores ideias, fazendo uma razia incompreensível. E as comparações internacionais, tanto quantitativas como qualitativas, não enganam: o sistema científico português tem crescido com alguns acidentes de percurso (mal fora se não fosse assim, pois partimos de muito baixo), mas não conseguimos competir nesta área com os países da Europa e do mundo mais desenvolvidos. Quanto ao futuro, a esperança nunca pode ser perdida, mas olhemos para a chamada «bazuca» (um nome horrível!), que é um auxílio exterior para cobrir parte das nossas insuficiências, e praticamente não vemos investimento direto em ciência. Claro que é necessário fazer ainda mais, fazer muito mais. Ultimamente a ciência tem andado aliás muito apagada, quando os grandes desafios aqui e no resto do mundo têm soluções que dependem dela: na saúde (por exemplo na genómica), nas alterações climáticas (um desafio para as próximas décadas), na inteligência artificial (as máquinas estão a substituir-nos em muitos aspetos), etc.



© Joana Silva

Em tempo de pandemia torna-se ainda mais imprescindível a reivindicação por mais verbas para a investigação?

Sim. Foi a investigação, primeiro fundamental e depois aplicada, que permitiu o desenvolvimento de vacinas revolucionárias baseadas na genómica que não só foram feitas como aplicadas, pelo menos nalguns países do mundo, em tempo recorde. Nunca se tinha feito e aprovado uma vacina em menos de um ano. Não foi só nas vacinas: a ciência fez um esforço extraordinário de resposta a esta pandemia, mobilizando-se nas suas várias disciplinas. Há cem anos houve uma outra pandemia devida a um vírus – a gripe espanhola – e nem sequer se sabia o que era um vírus e, muito menos, um genoma do vírus. Quero crer que as pessoas se vão apercebendo mais do valor da ciência. Mas haverá sempre gente a recusá-la, estou ciente disso. Além de uma pandemia, estamos a ter uma infodemia, uma enxurrada de informações falsas, que curiosamente são canalizadas pelos meios que a ciência colocou à nossa disposição, como a Internet.

Recentemente, tivemos a oportunidade de entrevistar o Ministro da Ciência Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, que referiu que o número de investigadores nas empresas cresceu 81% entre 2015 e 2020 e espera-se que até 2030 o país triplique a sua investigação científica. Na sua opinião, o que ainda somos capazes de atingir?

O discurso dos ministros é isso mesmo, o discurso dos ministros. Em geral, aqui como noutros países, os governantes gostam de escolher estatísticas de acordo com os seus desejos e conveniências. É humano, embora não seja muito científico. Em breve haverá novo governo e não tenho dúvidas que também o próximo procurará fazer a sua publicidade. Mas a realidade é o que é e a verdade é que, vistos com cuidado, os números não enganam. Os números de doutorados portugueses nas empresas são infelizmente baixíssimos: segundo dados do próprio governo, as duas maiores empresas com mais despesas em investigação e desenvolvimento são a NOS e a Altice, que têm 12 e 5 doutorados respetivamente. Qualquer grupo de investigação tem mais



© Joana Silva

do que isso. No 13.º lugar das empresas com mais despesa desse tipo está o Banco BIP, que tem zero doutorados. Se contratar um único – e não faltarão candidatos – o crescimento será infinito...

Em 2021 Portugal tivemos a triste notícia de que Portugal tinha dado um tombo de sete lugares num importante “ranking” europeu de inovação. E quanto aos números de patentes registadas por nacionais eles são muito baixos há muito tempo.

Esperamos todos que o país cresça, mas para isso é preciso um impulso transformador que não se tem visto. Bem gostaria eu que fosse de outra maneira. Muito há a fazer e o

próximo governo, de maioria absoluta, não terá desculpas. Terá um período único de quatro anos com estabilidade assegurada. Tem é de pensar não em manter o passado mas em ganhar o futuro.

Em conversa, Manuel Heitor, referiu ainda que devemos estar orgulhosos com estes resultados, mas que devemos ser críticos em relação ao que ainda não somos capazes de atingir. Quais os principais fatores que poderão condicionar este crescimento? A falta de estabilidade ainda continua a ser um dos principais problemas enfrentados por estes profissionais?



© Joana Silva

Sim, estou de acordo que devemos ser críticos. As nossas políticas nesta área têm sido claramente insuficientes. Não há reformas desde o tempo do saudoso ministro José Mariano Gago. Estava na hora de fazer mudanças decisivas: integrar a ciência de um modo maior no ensino superior, apostar no rejuvenescimento dos quadros, trazer de volta muitos cientistas que emigraram, dar verdadeiros estímulos às empresas para que promovam investimento em ciência, em particular contratando pessoas qualificadas, aumentar a educação científica e a cultura científica das populações (veja-se, por exemplo, a pouca atenção que a rádio e televisão públicas têm dado à ciência), etc. Os empregos precários de que falam derivam não só de falta de investimento como de falta de organização. A Fundação para a Ciência e Tecnologia, a agência que distribui boa parte das verbas para a ciência, não tem verdadeira participação da comunidade científica e está, emaranhada em burocracia, com atrasos inadmissíveis. Não consegue, por vezes, executar todo o orçamento que tem. Precisamos de

instituições sólidas e autónomas, que não dependam tanto dos gabinetes ministeriais, tal como acontece de resto nos países mais desenvolvidos.

Portugal só terá futuro se os jovens, em especial os novos doutores, tiverem futuro, se investirmos e confiarmos neles?

Sim, não me canso de dizer isso: o nosso futuro depende criticamente do futuro que dermos aos nossos jovens, em particular aos mais qualificados. De nada serve darmos bolsas aos jovens se não lhes dermos vidas. Ora nós temos neste momento uma geração sacrificada, com vidas a prazo e incertas, uma geração que tem dificuldades em ver o futuro. A geração anterior fez pela minha – contra mim falo – o que a minha ainda não fez pela seguinte. A sociedade portuguesa não tem sabido renovar-se da forma resoluta como já fez no passado.



© Joana Silva

É possível haver uma suficiente literacia científica na sociedade sem haver boa educação de ciências nas escolas? Qual o papel dos comunicadores de ciência neste desafio?

A escola é essencial para a formação científica. Tenho feito o possível – quer formando professores, quer escrevendo manuais, quer indo diretamente às escolas, para fortalecer o papel da escola. A escola é o meio que a Humanidade inventou, há séculos, para assegurar o seu futuro. A nossa escola, neste momento, está muito prejudicada pelo cansaço (não há progressão nas carreiras nem reconhecimento do mérito) e pelo envelhecimento dos professores. Em breve muitos se vão reformar e receio que não tenha sido pensa-

da a sua substituição. O tempo de pandemia foi de enorme desgaste para os professores, pois tiveram de trabalhar em condições muito difíceis. A profissão de professor deixou de ser socialmente muito considerada e não tem atraído os jovens. Os melhores alunos não vão para cursos de professorado. Mas nós precisamos de professores bem preparados para o ensino e entusiasmados com o ensino. Quanto aos comunicadores de ciência, incluindo neles muitos jornalistas, eles têm um papel suplementar à escola. A ciência e a tecnologia têm avançado muito e a escola é muito lenta a responder. Tem de haver uma educação informal para além da educação formal. E os dois tipos de educação podem e devem dialogar um com o outro.



© Joana Silva

Recentemente, criticou o Governo dizendo que não se pode pedir consenso científico quando a ciência nunca foi ouvida de forma organizada e coerente no combate à pandemia. Considera que se queremos apurar a opinião da ciência, num assunto interdisciplinar, como é a pandemia, há que criar um Conselho Científico?

Com certeza. Países mais desenvolvidos têm meios de aconselhamento científico institucionalizados, quer do governo, quer do presidente (quando o há), quer ainda do Parlamento. Um dos aspetos da reforma da Ciência e Tecnologia que precisamos é a criação desses meios. Tal como está anda tudo ao sabor das circunstâncias, dos desejos e das conveniências. Um problema grave de saúde pública exigiria a formação de um Conselho Científico independente, onde se pudessem reunir vários tipos de saber. As reuniões do Infarmed não foram mais do que um pobre simulacro disso.

Neste contexto, deu como exemplo outros países, nomeadamente os EUA, onde o professor Anthony Fauci é o porta-voz da ciência. É exatamente este diálogo entre pares que não existe em Portugal?

Em países mais desenvolvidos, com comunidades científicas fortes, acabam por emergir líderes científicos que os governos decentes respeitam (o governo de Trump dificilmente se pode enquadrar nessa categoria). São pessoas experientes, que conseguem comunicar para a sociedade a posição consensual da comunidade científica. Em Portugal não vemos isso: a nossa comunidade científica cresceu muito desde que entrámos na União Europeia em 1986, mas não está unida. Sendo parco o financiamento, coloca a competição à frente da cooperação. Não há sociedades científicas coesas e fortes. Não estão criados mecanismos de diálogo e convergência entre cientistas, fora naturalmente do diálogo que tem de haver entre os pares inter-



© Joana Silva

nacionais para haver ciência. Claro que os cientistas têm a maior responsabilidade neste estado de coisas, não foram até agora capazes de se auto-organizar e de apresentar porta-vozes credíveis. Os governos aproveitam-se dessa desorganização.

Afirma que não perdeu a confiança na ciência, mas que também não acredita que a humanidade sairá deste surto tão diferente assim. Como vai ficar o mundo depois desta pandemia?

Não sei, ninguém pode saber o futuro. O poder da ciência, ou mais em geral da racionalidade, ficou mais uma vez à vista. Mas também o ficou o poder da irracionalidade: vivemos num mundo de notícias falsas e teorias da conspiração.. Nós

somos assim, racionais e irracionais, capazes da maior racionalidade e também da maior irracionalidade. Com a ajuda da educação há que aprofundar a racionalidade, há que formar espíritos críticos. Mas não tenho ilusões: o enorme desenvolvimento da astronomia não arredou a astrologia, à qual continua a ser dado mais espaço nos média. Isso não vai mudar, por muitas sondas que se lancem para o espaço.

Como em jovem entrou para a ciência através dos livros de divulgação científica, em particular os de Rómulo de Carvalho, nos últimos 30 anos preocupou-se em escrever livros para os mais variados públicos: desde livros infantis, até obras de divulgação erudita e manuais escolares. O que o motiva a continuar a escrever?



© Joana Silva

Há sempre coisas novas para dizer, até porque há sempre coisas novas e há sempre pessoas novas. Gosto de ler e de dar a ler. Ler e escrever são a minha paixão e, se continuo, é porque não se pode viver sem paixão. Acresce que as pessoas que me leem têm sido muito generosas comigo. E eu quero também ser generoso com elas. Gosto da ideia de fazer crescer a biblioteca: a minha e a dos outros. Fundei há 13 anos uma biblioteca de cultura científica, a Rómulo, em homenagem a Rómulo de Carvalho, estou a fazê-la crescer com livros que dou e apelo a outros que também deem. Nas bibliotecas está a indispensável memória do mundo.

Considera que ainda falta no nosso ensino básico um maior contacto direto com a ciência? Como podem os jovens ser “seduzidos” para a ciência e qual o papel das escolas nesse processo?

Os jovens têm a chama natural da curiosidade. São seduzidos pela curiosidade para a ciência. A escola, acima de tudo os professores porque não há escola sem professores, só tem que manter essa curiosidade viva, o que nem sempre acontece. Importa que a escola mostre a ciência tal qual ela é, no laboratório ou na Natureza. Eu gosto muito de computadores, fiz a minha carreira científica baseada neles, mas receio a demasiada digitalização da escola. Há um mundo real para além dos mundos virtuais. Hoje em dia os responsáveis políticos, aqui como em todo o mundo, querem modernizar a escola enchendo-a de computadores, mas isso podendo ser útil pode também ser apenas encher a escola de quinquilharia que depressa ficará obsoleta. O investimento fundamental devia ser nas pessoas, nos professores, e não tanto nas máquinas. Mas sei bem que é mais difícil.



© Joana Silva

Ao longo dos últimos anos têm sido lançados alguns livros sobre a ciência ligada ao novo coronavírus, à infeção que provoca e à resposta do nosso sistema imunitário. Que livros aconselharia aos milhares de portugueses que neste momento se encontram em confinamento?

Espero que me desculpem se recomendar o meu próprio livro que escrevi com o bioquímico David Marçal, “Apanhados pelo vírus”, saído no final de 2020 na Gradiva: conta a chegada da pandemia (e também da infodemia) ao mundo nesse ano. De outros autores, há vários livros sobre a história das pandemias. Gostei, por exemplo, de ler «Contágio» de David Quammen, saído na Objectiva em 2020, que mostra quão próximos estamos dos outros seres vivos. Somos apenas um pequeno ramo da grande árvore da vida. Mas há mais obras.

O seu percurso académico foi também uma viagem, da qual fez parte a organização do GPS (Global Portuguese Scientists). Qual a importância que projetos como este têm na compreensão da comunidade científica portuguesa no mundo? Que ferramentas do GPS lhe parecem particularmente interessantes?

Tive o maior gosto em ajudar a desenvolver para a Fundação Francisco Manuel dos Santos essa rede de cientistas portugueses no mundo. Fazia falta um instrumento que recensasse a Comunidade da ciência portuguesa e nos pusesse em contacto com os seus membros. Sei que muitos cientistas portugueses lá fora gostariam de ajudar mais o país. A sua experiência da organização científica de outros países poder-nos-ia ser imensamente útil. Uma ferramenta interessante do GPS é permitir a um jornalista encontrar especialistas portugueses numa determinada área. Ou a um jovem que vai estudar para um sítio encontrar portugueses perto. A língua e a cultura portuguesas unem-nos mesmo estando distantes. Desde que vivi na Alemanha para fazer o doutoramento no início dos anos 80 me interessei pelas comunidades portuguesas no estrangeiro. Eles também são Portugal. Tive um convívio íntimo com elas e ainda hoje sigo a evolução da emigração portuguesa, agora já na segunda ou mesmo terceira gerações.

Atualmente, qual é o impacto do que os cientistas portugueses alcançam no plano internacional?



© Joana Silva

Alguns cientistas portugueses são muito conhecidos no mundo: por exemplo, António Damásio, nos Estados Unidos, e Caetano Reis e Sousa, no Reino Unido. O primeiro é mundialmente conhecido em boa parte graças aos seus livros. O segundo é, desde o início do século XIX, o primeiro português na Royal Society, a sociedade científica mais antiga do mundo em funcionamento ininterrupto. Dos que trabalham em Portugal alguns alcançaram impacto nas respetivas áreas. Um bom meio de medir o impacto é medir o número de citações ao longo dos anos. É curioso verificar, nos «rankings» feitos do trabalho nos últimos 10 ou 20 anos, que os cientistas portugueses com mais impacto internacional não são, em geral, os mais falados nos média. Há toda uma geração jovem que merece ser mais conhecida. Alguns estão lá fora, pois encontraram condições que em Portugal não têm.

Ao fim de mais de quatro décadas, chegou a altura de dar a vez aos mais jovens, certo de que os temos brilhantes e merecedores de oportunidades. Apesar das nuvens que nos toldam o horizonte, mantém-se confiante no futuro da ciência e investigação em Portugal?

Sim, absolutamente. Tenho esperança na ciência e tenho esperança em Portugal. E terei mais esperança em Portugal quanto maior for a esperança que este depositar na ciência.

Que mensagem e que conselho gostaria de deixar aos jovens investigadores portugueses?

Deixo a mensagem do médico português Garcia da Orta que, em 1563, escreveu em Goa, na Índia, no seu livro «Colóquio dos Simples» sobre plantas medicinais: «O que não sabemos hoje amanhã saberemos». Confio neles, qualquer que seja o sítio do mundo onde estejam: vão saber mais, vamos todos saber mais.



M I G R A Ç Õ E S

Quero empreender em Portugal

Devo pedir um visto para Imigrantes Empreendedores ou solicitar um Startup Visa?

O presente artigo pretende dar a conhecer o panorama legal migratório para estrangeiros que pretendam empreender e residir em Portugal, através de uma breve análise comparativa entre o **Visto para Imigrantes Empreendedores** e da inovação legal do **Startup Visa**.

A presente análise comparativa terá início com o disposto na Lei de Estrangeiros e Fronteiras, Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, que contempla, no n.º 2 do artigo 60.º um tipo de visto de residência específico para imigrantes empreendedores. Em primeiro lugar, ressalta-se que **Visto para Imigrantes Empreende-**

dores pressupõe a constituição de uma sociedade comercial em Portugal (unipessoal, por quotas ou anónima) antes da submissão do visto. Apesar de a Lei não estabelecer um valor mínimo de investimento, a prática indica que em relação às sociedades comerciais por quotas, para que o pedido de visto seja bem-sucedido,

deverá constituir-se a sociedade comercial com um capital social mínimo de €5.000,00 (cinco mil euros). De seguida o empreendedor candidato a migrante deverá depositar, também ainda antes da submissão do pedido de visto, o montante estipulado de capital social aquando da constituição. Destaca-se ainda que, no caso de serem vários sócios a solicitar o visto de imigrante através de uma só empresa, o investimento individual de cada um deverá rondar os já referidos €5.000,00 (cinco mil euros). Cumpre novamente reforçar de que este valor não decorre diretamente da Lei. Porém, uma que se trata de um visto fundado em operações de investimento, naturalmente que há a necessidade de demonstrar que o referido investimento foi feito e que é minimamente compatível com a atividade económica a desenvolver em Portugal. Consequentemente, o candidato a empreendedor migrante deverá ter plena consciência de que o visto de residência não será concedido caso o valor do investimento seja irrisório ou incompatível com a natureza da atividade empresarial que se propõe a desenvolver.

O pedido de visto de residência para empreendedores é concedido aos imigrantes que pretendam investir em Portugal, desde que:

A) Tenham efetuado operações de investimento;

ou
B) Comprovem possuir meios financeiros disponíveis em Portugal, incluindo os decorrentes de financiamento obtido junto de instituição financeira em Portugal, e demonstrem, por qualquer meio, a intenção de proceder a uma operação de investimento em território português;

Da leitura da Lei verifica-se assim que a decisão será tomada em função da relevância económica, social, científica, tecnológica, ou cultural do investimento realizado. São assim critérios latos e que deixam um largo espectro de discricionariedade ao Decisor. Como tal, por forma a facilitar a análise por parte dos consulados, sugere-se que este pedido de visto seja acompanhado de um plano de negócios detalhado que explane de forma clara quais os objetivos do investimento, a viabilidade do negócio e a sua potencial relevância económica, social, científica, tecnológica ou cultural para o país.

Acrescenta-se ainda que, com base na nossa experiência nesta tipologia de vistos, o facto de o imigrante investidor já ser empreendedor no país de origem é um fator positivo na decisão da concessão do visto.

Em resumo, o **Visto de residência para Imigrantes Empreendedores** é um instrumento genérico e adaptável a quase todo o tipo de investimentos comerciais feitos em Portugal, desde que cumpram os requisitos acima referidos.

Por outro lado, “*Startup Visa*” é uma inovação recente Lei n.º 102/2017, de 28 de agosto, que introduziu um novo regime jurídico de autorização de entrada (por meio da emissão de visto de residência, nos termos do artigo 60.º) e de posterior residência em território nacional para imigrantes empreendedores.

Em suma, este novo mecanismo legal tem o intuito de atrair “(...) investimento, designadamente estrangeiro, do estímulo a projetos empreendedores capazes de potenciar a dinâmica na criação de empresas, em particular *startups*, com novas ideias e modelos de negócio e, ao mesmo tempo atrair profissionais altamente qualificados, em tudo contribuindo para afirmar sustentadamente um perfil de especialização e internacionalização na economia portuguesa”. Como suporte deste novo quadro legal existe um regime obrigatório de certificação junto de incubadoras, com vista ao acolhimento de cidadãos estrangeiros empreendedores, que delinea os requisitos de elegibilidade e a forma/

procedimento das candidaturas dos empreendedores e dos projetos de empreendimento (recomendamos a consulta de informação detalhada e específica diretamente no portal institucional do IAPMEI).

De forma sucinta cumpre transmitir que o visto só poderá ser solicitado depois de cumpridas as seguintes condições:

A) aceitação do empreendedor no programa;

B) formalização o contrato de incubação;

C) emissão da declaração comprovativa por parte do IAPMEI.

O *Startup Visa* tem assim o foco de pretender atrair empreendedores ligados às novas tecnologias, devendo a empresa constituída demonstrar o potencial de criação de emprego altamente qualificado que vá para além da empregabilidade do próprio empreendedor e que gere um volume de negócios ou um volume de ativos superiores a €325.000,00 (trezentos e vinte e cinco mil euros) após o quinto ano da incubação.

No entanto, apesar das respetivas diferenças já explicadas supra, ambos os pedidos de visto partilham de muitas semelhanças. Vejamos quais:

A) Análise casuística pelo posto consular competente (a competência dos consulados para é aferida com base na área de residência do requerente);

B) prazo de decisão de 60 dias após a submissão de toda a documentação junto consulado competente;

C) obtenção de autorização de residência em Portugal que se estende ao respetivo agregado familiar, através de reagrupamento familiar;

D) a primeira autorização de residência é concedida por um ano, que poderá ser renovada por 2 anos e posteriormente mais 2 anos, até obtenção de autorização de residência permanente (renovável de 5 em 5 anos);

E) o investidor não se poderá ausentar de Portugal mais de 6 meses seguidos ou por 8 meses interpolados (a ausência de Território Nacional colocará em risco as renovações subsequentes)

Conclui-se assim a presente análise comparativa do leque disponível de vistos de empreendedor em Portugal: o **Visto de Imigrante Empreendedor** é um visto de residência genérico, sem quaisquer restrições de áreas de negócio; o *Startup Visa* trata-se de um tipo de visto mais específico, intimamente ligado às Tecnologias de Informação e com requisitos mais apertados de retorno do investimento e mais burocrático na sua concessão.



Gilda Pereira

CEO Ei! Assessoria Migratória



AILD
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DOS LUSODESCENDENTES

**OFERTA FORMATIVA
À SUA MEDIDA**

**FORMAÇÃO MODULAR
CERTIFICADA**
Frequência gratuita
Formação Online/Presencial

ATIVOS EMPREGADOS
Por conta própria
Por conta de outrem

Certificado de habilitações
Subsídio de alimentação

Visite o nosso site em aild.pt e inscreva-se já

Contactos
info@aild.pt
+351 939 082 261
Rua Latino Coelho 87
1050-134 Lisboa
aild.pt

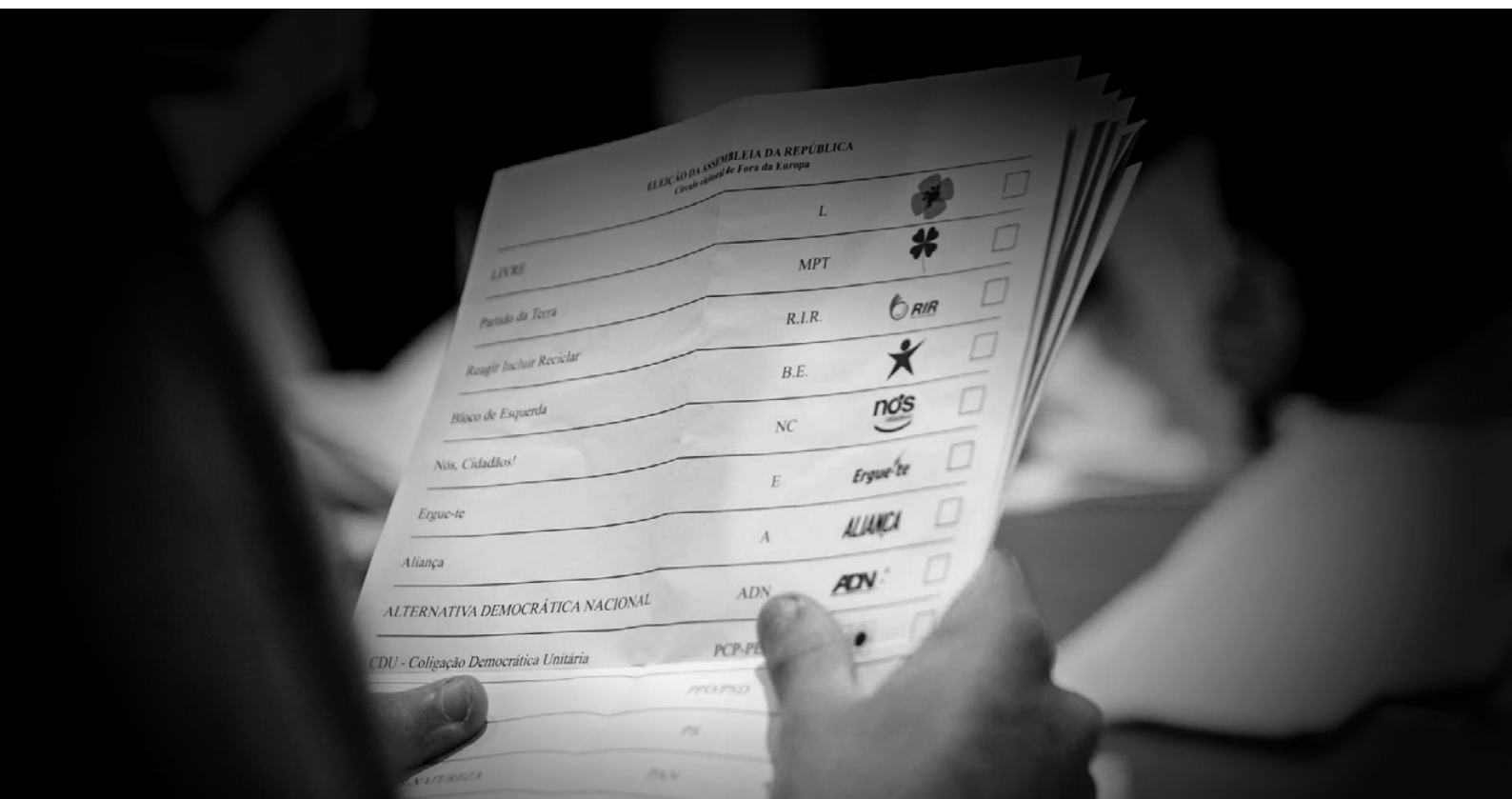
Colaborado por

 **ProfiForma**
Potencial Humano

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

O relato de um conselheiro candidato pelas comunidades



O mês de Janeiro de 2022 foi diferente de todos os outros depois de em Dezembro de 2021 o Partido Socialista me ter questionado sobre a disponibilidade para fazer parte da sua lista como candidato suplente às eleições para a Assembleia da República.

Aceitei fazer parte do grupo encabeçado pelo Paulo Pisco e que incluía também a Nathalie Oliveira e a Joana Benzinho. O mês de Janeiro tornou-se para mim o mês com todos os fins de semana prolongados, com milhares de quilómetros percorridos de carro e de comboio que me levaram ou sozinho ou na companhia dos meus colegas de lista ao encontro não só dos militantes e simpatizantes nas estru-

ras dos países que visitámos mas sobretudo me levaram ao encontro das pessoas que formam a nossa Comunidade no Estrangeiro.

Percorri na Alemanha (Hamburgo, Bremerhaven, Cuxhaven, Berlim, Münster, Osnabrück, Düsseldorf, Frankfurt no Meno, Estugarda, Reutlingen), em França fui a Paris à apresentação da lista pelo Círculo da Europa e por fim fui ao Luxemburgo.

Esta maratona de dias e quilómetros foi deveras importante para mim por dois motivos; por um lado como candidato para dialogar com pessoas para mim desconhecidas, por outro como Conselheiro das Comunidades para saber se o

que debatemos em Lisboa e nas nossas secções locais vão ao encontro das expectativas dessas mesmas pessoas.

O resultado das eleições já conhecemos. O PS ganhou em Portugal com maioria absoluta. Infelizmente as eleições no Círculo Eleitoral da Europa terão que ser repetidas depois de aproximadamente 157.000 votos terem sido anulados, ter havido queixas ao Tribunal Constitucional, ao Ministério Público e à Comissão Nacional de Eleições.

Nunca a participação das Comunidades foi tão elevada como nestas eleições (à volta de 250 mil pessoas participaram e foram votar) e também nunca a fragilidade de votar no estrangeiro foi tão notória; o legislador terá que rever todo os métodos de voto, simplificar o método de voto para garantir maior uma maior adesão das Comunidades e dos seus eleitores.

Gostava agora de despir o fato de candidato e dar a versão daquilo que viu e sentiu o Conselheiro das Comunidades.

A perceção e a visibilidade do Conselho das Comunidades Portuguesas, 40 anos depois da sua implementação, é para uma grande parte dos nossos compatriotas inexistente. Na generalidade o CCP é um órgão pouco conhecido e sem um relacionamento de proximidade entre a comunidade e os eleitos. Para alterar este processo há ainda um longo caminho a percorrer. Os “média” vocacionados para as Comunidades devem organizar uma campanha de sensibilização de modo a promover este órgão; esta minha perceção é uma perceção na generalidade; há todavia conselheiros que são conhecidos nas suas regiões e cujo trabalho é reconhecido e louvado, mesmo assim, as pessoas ligam mais depressa o trabalho feito em nome da comunidade à pessoa e menos à organização que representa. Nos contactos que mantive

fiquei surpreendido com alguns dos temas que as pessoas acham de suma importância para si e para as regiões onde vivem (citarei alguns que acho ser pertinente falar).

Em primeiro lugar vem o atendimento consular com a longa lista de espera e a crónica falta de pessoal. Este problema é transversal a todos os locais que frequentei. Também o Consulado em regime de proximidade (permanências consulares e antenas consulares) é bem acolhido lamentando no entanto os utentes não ser feito em mais regiões.

Um tema muito importante e que mexe com a comunidade é o “problema da dupla tributação”; também este tema é transversal a todos os sítios em que estive. Mesmo explicando que há um mecanismo para evitar essa “dupla tributação” há muita gente que se sente lesada e não acredita muito nas normas acordadas entre os dois países (p.ex. no nosso caso Alemanha – Portugal); é importante dar mais informações e seria uma mais valia se os consulados tivessem Técnicos de Serviço Social também com a valência da Segurança Social e Fiscalidade.

O Ensino da Língua é considerado um tema importante, mas... a grande maioria interessa-se pelo ensino de português desde que não interfira com o normal funcionamento curricular alemão.

Mais haveria para contar, por exemplo sobre o associativismo, a participação cívica, a assistência social e o acompanhamento de pessoas necessitadas, etc.; estes temas dariam para um bom caderno de encargos a apresentar ao Governo; neste contexto o Conselho Regional da Europa e as Comissões Temáticas do CCP estão a acompanhar estes assuntos fazendo as suas reivindicações.



Alfredo Stoffel

Conselheiro das Comunidades Portuguesas

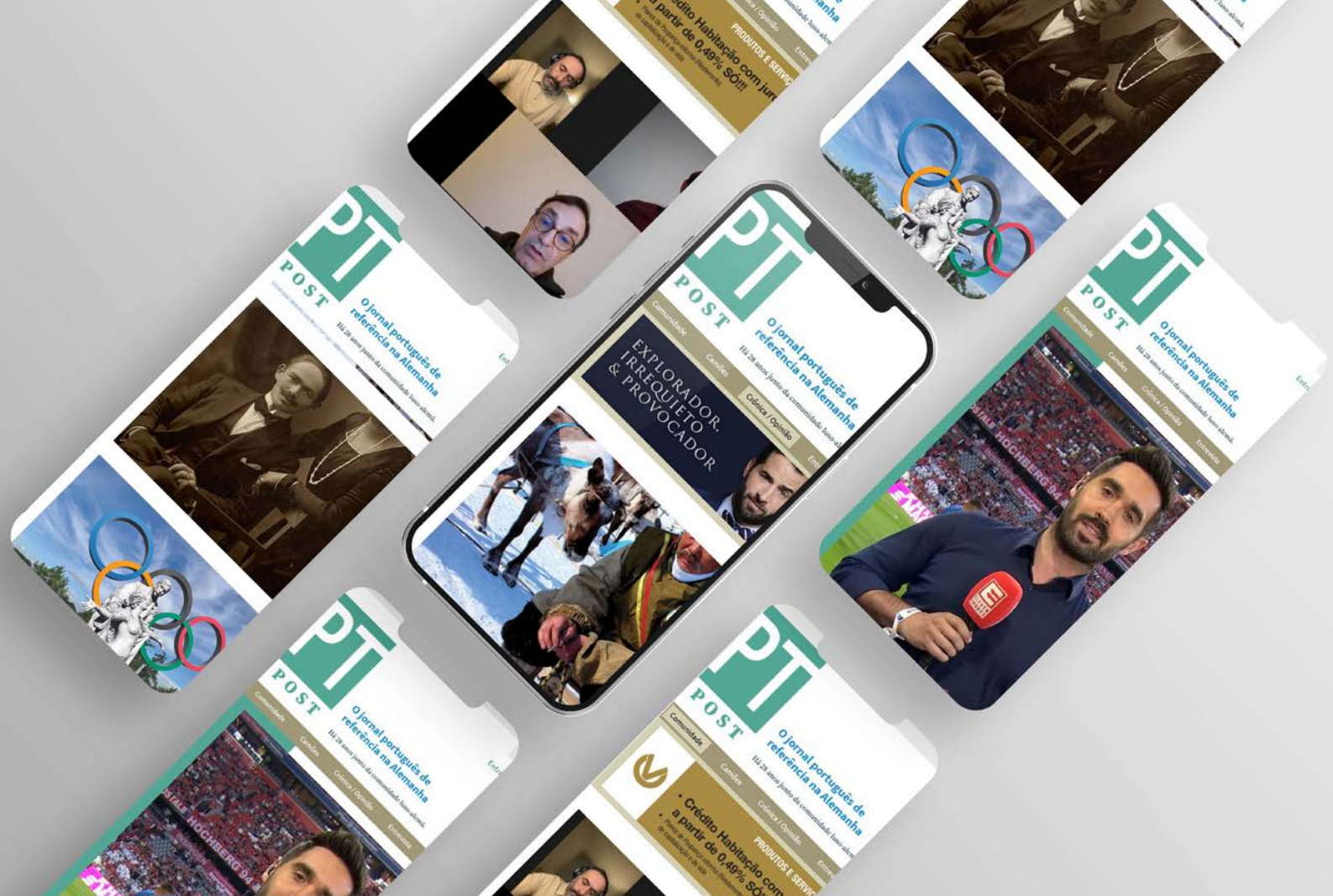
OS MEDIA DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

Portugal Post

Alemanha

Jornal impresso
10.000 Leitores mensais
Distribuição: todo o país
Fundado à 27 anos





O Portugal Post é o único jornal em língua portuguesa para os portugueses na Alemanha. Existe há 27 anos. A que se deve essa longevidade?

Tiago Pais: A longevidade é fruto de vários fatores: a perseverança e resiliência do fundador e primeiro editor do jornal, Mário dos Santos, o apoio de parceiros e clientes e, especialmente, a capacidade de saber acompanhar o desenvolvimento dos interesses dos nossos leitores. O jornal é dinâmico e procura dar resposta àquilo que o nosso público leitor procura a cada momento; não é de descurar que também o perfil do nosso leitor se tem alterado ao longo das décadas e, como tal, há que fazer ajustamentos contínuos à edição. Há ainda que considerar que a Alemanha é um território extenso com uma população muito dispersa, especialmente no que respeita à comunidade portuguesa. O sucesso do jornal advém

de um esforço grande para reportar sobre vários pontos do país através de colaboradores locais.

Com a Europa em grandes mudanças e com a nova legislação eleitoral, qual o vosso papel acrescido na informação?

Tiago Pais: A periodicidade mensal das nossas edições dão-nos o privilégio de fazer um jornal que não é ditado pela pressão da notícia constante, permitindo fazer uma seleção muito cuidada de conteúdos e dando profundidade a alguns temas que se decide destacar a cada mês. A nível da contemporaneidade informativa acompanhamos tanto a realidade alemã como a portuguesa, sendo a escolha de conteúdos ditada pela relevância para os nossos leitores; não procuramos ter uma edição cheia de notícias, mas sim composta por notícias pertinentes. Os nossos leitores podem manter-se informa-



<https://www.portugalpost.de>

dos sobre decisões que são importantes para as suas vidas, independentemente de respeitarem à Alemanha ou a Portugal. Nesse sentido, contribuímos para um maior número de cidadãos informados, que poderão fazer uso dos direitos que a nova legislação lhes consagra.

Quais as principais diferenças e exigências dos vossos leitores ao longo destes anos?

Tiago Pais: Tem havido sempre uma grande exigência quanto a conteúdos que respeitam a vida prática na Alemanha, o que se reflete, por exemplo, em se manter uma coluna de informação social, que aborda vários temas práticos, como legislação sobre arrendamento e prestações sociais, que é muito valorizada pelos leitores. A diferença que sobressai é uma menor preponderância do interesse pelos eventos organizados pelas coletividades com foco na tradição clássica portu-

guesa, por contraponto a um interesse acrescido no conteúdo de fundo de temas atuais e de acompanhamento dos novos embaixadores da cultura portuguesa, vulgo os artistas da arte contemporânea portuguesa cujo valor é reconhecido na Alemanha, originando orgulho dos portugueses aqui residentes.

Que sugestões fazem?

Tiago Pais: As sugestões têm-se prendido com o pedido de cobertura de temas de interesse transversal a portuguesas e alemães, como seja o caso do vinho, gastronomia e cortiça. Estamos cientes da descoberta e redescoberta do valor dos produtos e cultura portuguesa e nota-se que os leitores gostam de ver isso projetado nas páginas dos jornais. Acresce ainda um pedido de criação de uma edição online, que ainda não houve oportunidade de concretizar, mas que está para breve.



Tiago Pinto Pais, Diretor do Portugal Post

Qual é a vossa apreciação da valorização dos Alemães por Portugal?

Tiago Pais: É globalmente muito positiva, derivada especialmente de uma ética de trabalho muito forte, que se tornou assinatura de marca com a primeira vaga de emigração nos anos 70. Ademais, a famigerada capacidade de adaptação dos portugueses, com maior ou menor grau de desenrascão, permitiu que não houvesse um confronto cultural que gerasse atritos ou uma imagem negativa dos portugueses. Como tal, foi possível consolidar uma imagem positiva, dando também azo à possibilidade dos portugueses darem a conhecer a sua cultura, que é bastante apreciada.

Que projetos a curto/médio prazo para o Portugal Post?

Tiago Pais: Aquando da celebração dos 25 anos do jornal, lançámos uma nova imagem gráfica, que veio afirmar modernidade e consolidar a nova linha editorial. É importante levarmos esse esforço até aos canais digitais, para que possamos alcançar mais pessoas e garantir a comodidade de acesso por todos os nossos leitores. Adicionalmente, estamos a estudar o estabelecimento de uma parceria com um grupo de imprensa português, que passará pela organização de conferências conjuntas, promovendo a discussão de ideias entre Portugal e a Alemanha e podendo a vir a envolver a partilha de conteúdos. Estamos também a começar a pensar numa nova edição do diretório empresarial português na Alemanha, um projeto complementar ao jornal, que dá visibilidade às empresas e negócios com uma relação com Portugal presentes na Alemanha.

| A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

John Goulart

[Website oficial](#)

[Facebook](#)



John Goulart é um um dos melhores guitarristas do Canadá. Os seus concertos recebem continuamente elogios da crítica, do público e de outros músicos de todo o país. Atuou em grandes palcos no Canadá, Estados Unidos, Europa, América do Sul e Japão. Percorreu os Açores, patrocinado pelo governo português e tem aparecido frequentemente como artista convidado em vários grandes festivais de verão portugueses. Muitos destes foram transmitidos na rádio e na televisão portuguesas. Outros concertos no Chile, para o 4º Festival Internacional de Guitarra em Viña del Mar; no Japão, para a Embaixada do Canadá; no Oberlin College, para o Great Lakes Festival, foram destaques na sua brilhante carreira. As suas gravações premiadas foram amplamente exibidas na Rádio CKUA em Alberta e em todo o Canadá na CBC Radio Network.

Quando começou sua paixão pela música?

Desde criança comecei a cantar muito cedo. Aos 7 comecei a tocar acordeão para grande alegria do meu pai, que adorava música. Mais tarde, aos 10 anos, concentrei o meu interesse na guitarra clássica.

Porquê a guitarra clássica?

Comecei a interessar-me mais por música clássica e técnica de guitarra clássica aos 17 anos, inicialmente para expandir minha habilidade técnica e horizontes musicais. Cedo fiquei absorvido pela guitarra clássica e parei de tocar guitarra elétrica por muitos anos.

Quantas horas treinou por dia para ganhar tantos prémios?

Dediquei mais de 5 anos a concursos internacionais de guitarra para progredir na minha

carreira musical. Durante esse tempo eu praticava mais de 7 horas por dia durante longos períodos. Durante esses anos, muitas vezes considerei que era mais um atleta do que um músico. Eu preparava-me para esses festivais e competições durante a maior parte do ano e planeava os horários com muitos meses de antecedência. Era a minha vida.

Conte-nos, quando e como nasceu o projeto Bow Valley Chorus?

Sempre tive interesse por cantores e música coral. Como estudante de música, sempre procurei oportunidades para reger vozes em particular. Reger tornou-se uma extensão natural do meu vocabulário musical. Vivendo em Banff, envolvi-me pela primeira vez na condução de Coros de Igreja. Esses coros cresceram e então durante o Millennium pediram-me para liderar um projeto de um grande Coro. Esses concertos foram muito bem sucedidos e,

finalmente, levaram à criação do Bow Valley Chorus. BVC está agora no seu vigésimo ano e estou muito orgulhoso desta caminhada.

Troca frequentemente a sua guitarra pela batuta do maestro. Em qual papel se sente mais realizado?

Eu gosto de fazer música em maior escala. Devo dizer que muitas das minhas experiências mais pro-

fundas foram como maestro. Tocar guitarra também me deu uma vida maravilhosa, então também não posso descartar isso. Diria que me sinto realizado nas duas, mas algumas das músicas mais bonitas estão no repertório coral sinfónico e com certeza é o que mais me emociona.



Quais são as suas origens lusófonas?

Os meus pais são do Pico. O meu pai emigrou para o Canadá em 1957 e minha mãe em 1959.

Nasci no Canadá, mas o português foi minha primeira língua.

Qual é a sua relação com Portugal hoje em dia?

Os Açores serão sempre a minha segunda casa. Passei muitos verões lá com os meus pais e depois passei a visitá-los quando regressaram ao Pico. Ainda estou perto de muitos primos, tias e tios com quem adoro passar bons momentos. Devo muito aos Açores sobretudo no início da minha carreira. Toquei em muitos festivais de verão e recebi muito apoio dos açorianos.

Considera as artes importantes para o desenvolvimento dos países?

Absolutamente. As Artes são o coração de qualquer civilização. A música dá-nos humanidade. A liberdade de nos expressarmos artisticamente é muito provavelmente a chave para alcançar e manter a saúde mental. Devo toda a minha vida às Artes e à Música.

Inevitável no momento porque estamos a passar, perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia?

Esta pandemia tem sido muito custosa para mim pessoalmente. Perdi a minha esposa há um ano. Ela sofria de um cancro e a pandemia dificultou o tratamento e a sua recuperação. Acredito que todos sofremos nos últimos 2 anos e espero que saiamos





desta situação com mais empatia, amor e compreensão uns com os outros. Uma coisa que fiz durante este difícil período foi criar vídeos. Primeiro eram do meu Coro. Comecei então a criar vídeos solo de guitarra, e a realizar outros em colaboração com diferentes músicos e cantores. Foi uma excelente maneira de continuar a expressar-me de forma artística, bem como continuar a lidar com a perda da minha esposa com quem estava casado à mais de 30 anos. A minha prima Lena Goulart teve a gentileza de apresentar um dos meus vídeos na televisão no ano passado. Obrigado Lena!!!

Quais são os seus projetos para 2022?

Com o espólio e os fundos da minha esposa gerados a partir de uma página Go Fund Me, comecei uma nova organização chamada The Firebird Symphony and Chorus. Este é um grupo totalmente profissional baseado em Calgary com Coro e Orquestra. O nosso primeiro concerto será em 29 de maio. Depois disso, começarei uma temporada de 3 concertos no outono. Também vou lançar uma bolsa de estudos musicais em nome da minha esposa para ajudar estudantes de canto. Ambos os novos projetos continuarão a transmitir o legado que a minha esposa e eu começamos originalmente com o Bow Valley Chorus. A propósito, Bow Valley Chorus também recomeçou este ano e estou ansioso para voltar a isso também.



Qual é o seu maior sonho?

Estou extremamente feliz em perceber que muitos dos meus sonhos se tornaram realidade. Tive uma vida incrível e sou extremamente grato. O meu sonho atual é a Firebird Symphony and Chorus e estou ansioso para tornar isso realidade este ano e por muitos anos vindouros.

Fazer música ao mais alto nível é o meu sonho.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Viva sua vida. Siga em frente. Não pare. Acredite no que você faz. O que você faz é importante.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

AMBIENTE

A escassez de água em Portugal

A água é fonte de vida, um bem essencial em si e fundamental para a produção de vários recursos, desde a produção de alimentos até à energia eléctrica, entre outras utilizações. Devido à sua importância vital, este recurso insubstituível, precisa ser preservado e bem gerido.

A vulnerabilidade de Portugal face às alterações climáticas tem-se evidenciado nas sucessivas secas que se têm feito notar ao longo dos últimos anos. O problema não é de hoje e a tendência é para que se agrave no futuro. A proximidade do país, a par com outros do Sul da Europa, com os desertos do Norte



© Vítor Afonso

de África, contribui, fortemente, para o agravamento desta situação. As previsões para os próximos tempos apontam para menos chuva e verões mais secos, assim como, temperaturas mais elevadas. Estas alterações climáticas vão contribuir, em grande parte, para o avanço da desertificação, com a consequente destruição dos ecossistemas e a redução da produção agrícola, não só para a alimentação das pessoas, mas também para a dos animais.

Perante este cenário, urge a implementação de usos mais sustentáveis dos recursos hídricos, pois, Portugal está a usar mais de 40% da quota disponível. Este valor é preocupante, porque está acima dos valores definidos para a gestão dos períodos de seca. Se os baixos níveis de pluviosidade podem ser apontados como responsáveis pela situação de escassez de água no panorama geral, no que respeita às barragens, outras causas poderão ser complementares, como sejam, o forte incremento na



© Vítor Afonso

produção eléctrica, para colmatar as necessidades decorrentes do fecho das centrais a carvão de Sines e do Pego, e os elevados consumos associados às plantações intensivas e ao uso para a agricultura. Por outro lado, também existe muito desperdício nas condutas de distribuição de água para consumo humano. Na presença destes dados preocupantes, é preciso adoptar um consumo responsável e com uma clara aposta na eficiência na gestão dos recursos hídricos.

Um estudo recente da Fundação Calouste Gulbenkian revelou que, Portugal, enfrentará sérios riscos de escassez de

água até 2040, podendo este precioso líquido faltar, até para as actividades mais básicas. Posto isto, para evitar esta situação de stress hídrico, será necessário, além de se aprimorar a gestão deste recurso, é também necessário antecipar as consequências, para que se possa dar uma resposta mais adequada ao problema. A falta de água poderá colocar em risco a nossa saúde e a produção de alimentos, que por sua vez terá implicações na perda de postos de trabalho ligados ao ramo da agricultura e no decréscimo gradual da criação de riqueza, afectando, sobretudo, as comunidades locais.



© Vítor Afonso

Em Portugal, a agricultura e a pecuária, sobretudo em regimes intensivos (é preciso que se diga), consomem cerca de 75% dos recursos hídricos do país. A média da União Europeia, situa-se nos 24%. A grande parte destes gastos não é medida, pelo que será desejável a implementação de soluções tecnológicas tendo em vista uma melhor eficiência na utilização da água, indo de encontro a um desenvolvimento mais sustentável.

Como diz o povo, e bem, “só percebemos o valor da água quando a fonte seca”. Para termos uma ideia mais realista da importância da preservação da água doce, importa referir que, dos $\frac{3}{4}$ da superfície da terra que são ocupados por água, apenas 3% é água doce, e destes, apenas 1% está disponível para a população, pois os outros 2% estão congelados nas calotas polares.

Para colmatar a falta de água doce, uma das soluções encontradas e adoptadas, passa pela dessalinização da água do mar. Apesar de este processo representar custos elevados, já é utilizado na ilha de Porto Santo e estão a decorrer

experiências no Algarve.

Os primeiros dois meses deste ano 2022 foram marcados por baixos níveis de pluviosidade. Segundo dados do IPMA, o mês de Janeiro foi considerado o 5.º mais quente, desde o ano 2000, e o segundo mais seco, de tal modo que, a temperatura máxima foi mesmo a mais alta dos últimos 90 anos. Uma parte considerável do território continental português apresentou seca severa ou extrema, sobretudo a sul. Os vários níveis de seca são definidos pelo Índice de Palmer, que aglomera três indicadores: quantidade de água no solo, temperatura e precipitação.

Tomando por base um estudo da APA, Portugal perdeu, nos últimos 20 anos, cerca de 20% dos seus recursos hídricos. Para remediar este decréscimo galopante é urgente utilizar a água com parcimónia, promover a reutilização da mesma e a sua retenção em barragens.

Os baixos níveis de água apresentados pela maioria das barragens portuguesas foram, recentemente, objecto de algum mediatismo nos media e de autênticas romarias de turistas.



© Vítor Afonso

Em Janeiro, a barragem do Alto Rabagão, em Montalegre, estava a 20% da sua capacidade máxima. A média dos meses de Janeiro em anos anteriores rondava os 65%. Noutras barragens, com a descida das águas, foi possível observar algumas aldeias que tinham sido alagadas aquando da construção das mesmas. Vilarinho das Furnas, no Gerês, e Vilar da Amoreira, em Pampilhosa da Serra, são apenas dois exemplos. Na Galiza, a aldeia de Aceredo, banhada pela Barragem do Alto Lindoso, voltou a estar a descoberto.

Para fazer face a esta situação de seca, que não é um fenómeno raro em Portugal e, com os níveis das barragens em mínimos históricos, o Governo português viu-se na necessidade de suspender a produção hidroelétrica para que não houvesse interrupções no fornecimento de água para consumo humano. Para isso, foram definidas cotas e volumes de água a partir das quais o seu uso fica condicionado para o desenvolvimento de outras actividades relacionadas com a rega e com a produção eléctrica. No entanto, estas medidas serão apenas paliativas, mitigam temporariamente o problema, não o

resolvem, de todo. Perante esta catástrofe ecológica, não se entende a pretensão deste mesmo Governo em avançar com outra catástrofe – a instalação de explorações mineiras a céu aberto, próximas de algumas destas barragens, que além de produzirem toneladas de resíduos tóxicos, consomem e contaminam milhões de litros de água.

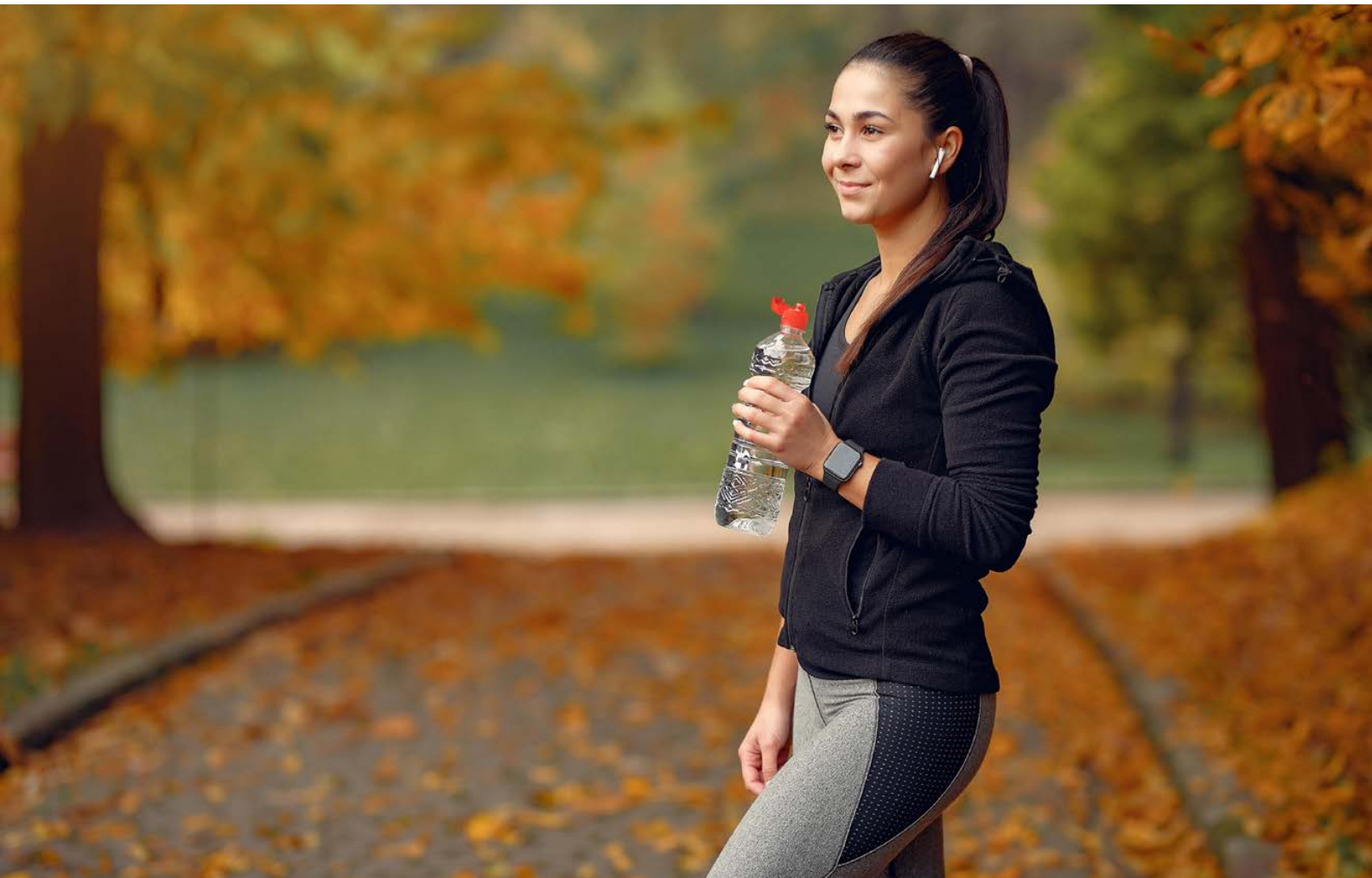
Assim sendo, o que nos reserva o futuro? As previsões apontam para secas mais duradouras, mais intensas e mais frequentes, que exigirão respostas mais adequadas e mudanças de fundo, no sentido de se processarem as adaptações necessárias às novas realidades. A seca em Portugal tem apresentado efeitos desoladores. Há produtores a venderem os seus animais, por não terem comida para lhes dar e culturas alimentares a perderem-se, por falta de água. No limite, a manterem-se estes níveis de seca, com baixas reservas, poderá desencadear-se uma subida nos preços deste bem essencial, como medida regulatória para moderar os consumos, uma situação que iria agravar ainda mais a difícil situação económica de muitas famílias portuguesas.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

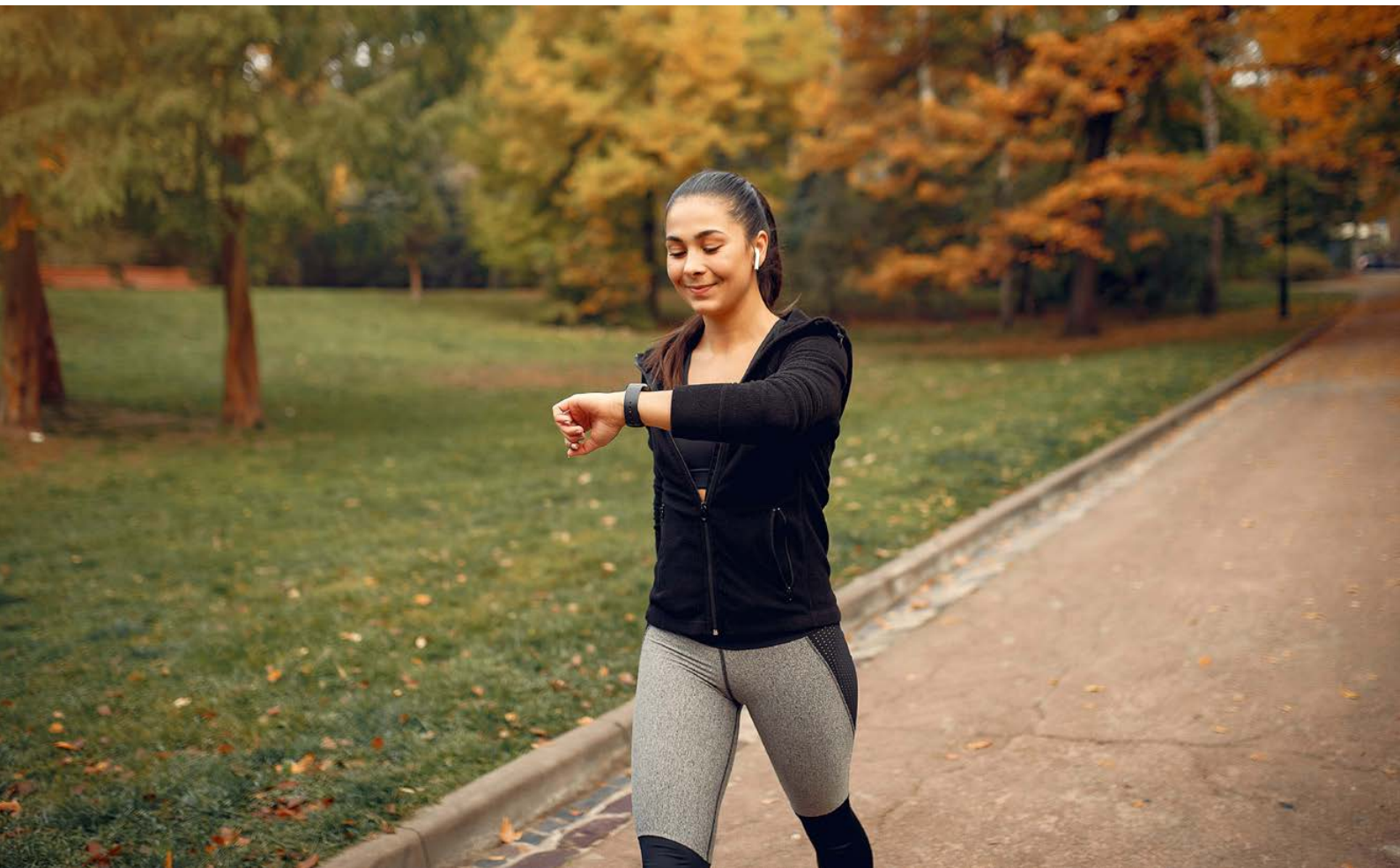
| SAÚDE E BEM ESTAR

É tudo sobre pessoas em mudança!



A mudança está em aceleração! A pandemia agravou a noção de mundo VUCA (*Volatile, Unstable, Complex, Ambiguous*), entendendo-se que o mundo se está a tornar BANI (*Brittle, Anxious, Non-Linear, Incomprehensible*), isto é o que era volátil

passou a ser frágil, as pessoas não percebem incerteza, mas ansiedade, as coisas deixam de ser, simplesmente, complexas para obedecer a uma lógica não-linear e o que parecia ser ambíguo, hoje parece-nos incompreensível.



O contexto atual traz imensos desafios e um leque de possibilidades e oportunidades de transformação a nível pessoal, das equipas e das organizações. Mais do que nunca, a mentoria pode contribuir para catalisar a mudança, através de um processo de co-aprendizagem e co-criação com impacto no crescimento de todos os envolvidos.

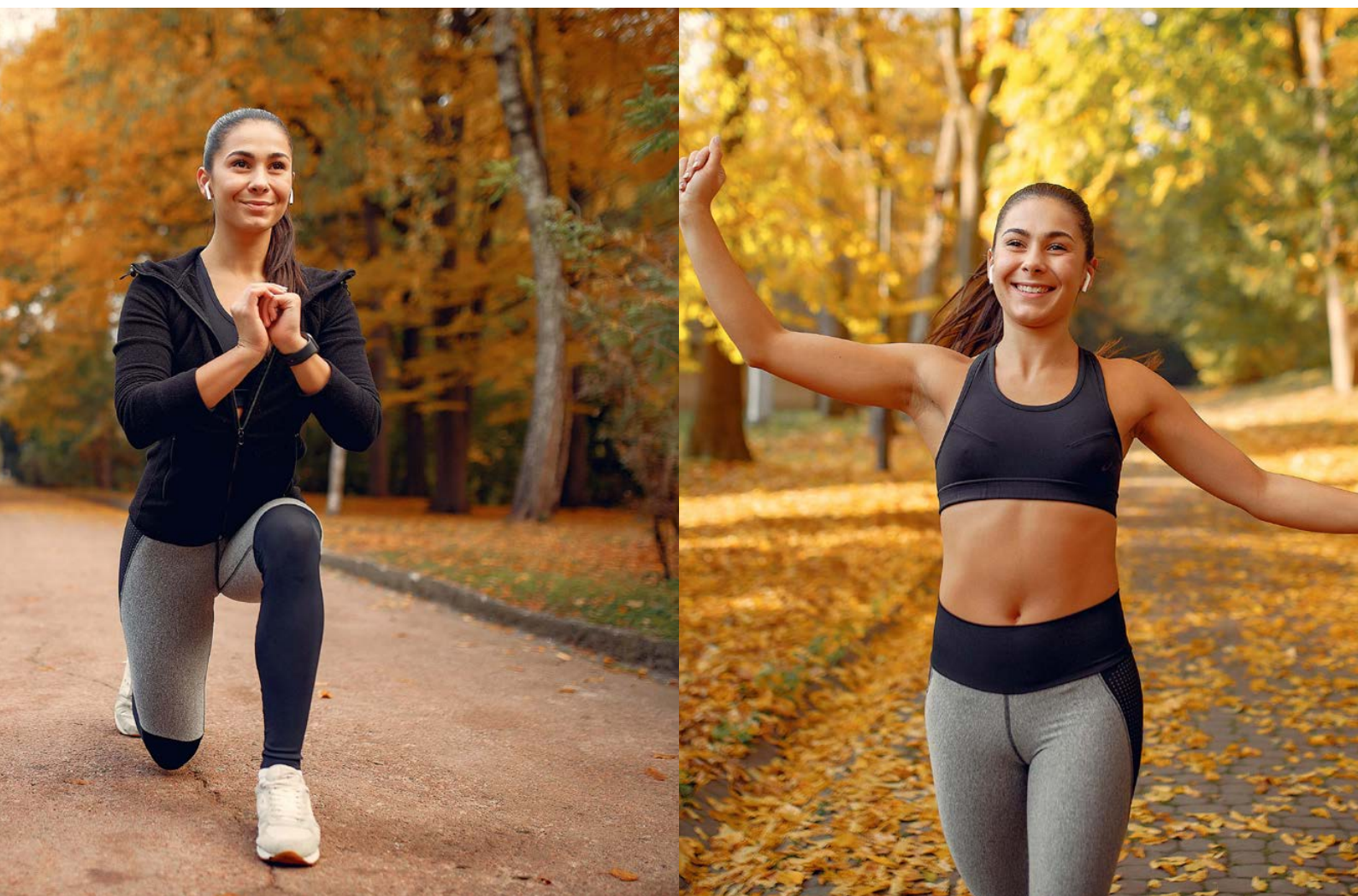
Na sequência da Covid-19, está à por-

ta uma pandemia silenciosa em que a saúde mental ocupa um lugar central. Ora, há cada vez mais dados empíricos sobre o papel positivo da natureza no funcionamento cognitivo e no bem-estar emocional.

Reconhece-se a importância do desporto na saúde física e mental e distingue-se o impacto positivo da caminhada ao nível da tensão arterial. Há evidências que caminhar liberta o

fluxo de ideias, estimulando o pensamento criativo durante e após o exercício.

A mentoria elevada pela caminhada na natureza surge como uma proposta inovadora que cria condições para desacelerar, reconectar, ganhar perspetiva e planejar o futuro. A caminhada na natureza é acompanhada por uma caminhada interna, ou seja, um processo guiado de autodescoberta



em que cada um explora as suas necessidades, desejos, medos e obstáculos, criando condições para desenvolver o seu potencial.

A mentoria cria espaço para refletir, sendo a reflexão facilitada por um conjunto de exercícios e questões provocadoras. Ouve-se o silêncio, escuta-se o próprio, beneficia-se da partilha de histórias inspiradoras, de desafios e de

aprendizagens. Olha-se para o passado, está-se presente e sonha-se o futuro, alinhado com o propósito de cada um. As condições estão reunidas para co-criar, num espaço seguro e de confiança, e definir um plano de ações concretas e transformadoras. O destino final da caminhada na natureza é sempre o mesmo, a melhor versão de nós mesmos.



Cristina Barradas
Mentora na Walking Mentorship

Guerra

São meus filhos. Gerei-os no meu ventre.

*Via-os chegar, às tardes, comovidos,
nupciais e trementes
do enlace da Vida com os sentidos.*

Estiveram no meu colo, sonolentos.

Contei-lhes muitas lendas e poemas.

Às vezes, perguntavam por algemas.

Respondia-lhes: mar, astros e ventos.

*Alguns, os mais ousados, os mais loucos,
desejavam a luta, o caos, a guerra.*

*Outros sonhavam e acordavam roucos
de gritar contra os muros que há na Terra.*

São meus filhos. Gerei-os no meu ventre.

Nove meses de esperança, lua a lua.

Grandes barcos os levam, lentamente...

Natércia Freire in “Liberta em Pedra”



PELA LENTE DE
Rodrigo Vargas









Rodrigo Vargas é formado em Engenharia Civil desde 2010, mas abandonou a área da formação em 2013 e dedicou-se profissionalmente à fotografia, sendo que a maior parte do seu trabalho passa pelo projeto The Framers (www.theframers.pt), em que trabalha com a sua parceira, Filipa Leite Rosa. O início começou com a fotografia de rua, tendo realizado workshops nessa área com fotógrafos como Matt Stuart e Stuart Paton. Mais recentemente, envolveu-se na fotografia documental, tendo feito projetos tutorados pelo fotógrafo Mário Cruz e também pelo António Pedrosa. No último ano, foi vencedor da Bolsa Master em Fotografia Artística 2021-2022, no IPCI, que está neste momento a frequentar.

A sua estética tem sofrido várias metamorfoses ao longo dos anos, o que muito se deve aos fotógrafos que tem como referência como Alex Webb, Harry Gruyaert, Ernst Haas, Alec Soth, Bryan Schutmaat, entre outros.

| COM LUPA: CÁ DENTRO

A Cidade Encantadora II Parte



Em continuação do percurso por Braga, seguimos em busca dos encantos e recantos da cidade encantadora.

O trajeto de hoje começa com a belíssima Praia Fluvial do Adaúfe. Banhada pelo rio Cávado, este ponto é imprescindível neste segundo dia de visita por Braga. Durante a sua manhã pode relaxar e observar os moinhos de água que aqui se encontram e as incríveis cascatas e águas cristalinas, ou caso o tempo e a disposição o convidem, dar uns belos mergulhos. Se por outro lado é fã de atividades e desporto, pode praticar slide ou fazer caminhadas nos renovados trilhos pedonais. O que aconselhamos aqui é

sem dúvida um passeio numa gaivota ou canoa (que pode alugar) que lhe permitirá ter uma perceção do percurso inesquecível. Se quiser almoçar por aqui, o espaço conta com um café, parque de estacionamento e mesas para refeições. E, claro, se já vier preparado para um piquenique, a graciosidade desta praia vai brindá-lo certamente!

Passamos agora a uma subida ao Bom Jesus do Monte! Se está disposto a um momento um pouco mais exigente em requisitos físicos, mas sem dúvida altamente recompensador, convidamo-lo a subir os 573 degraus divididos em 3 pórticos: Escadório do Pórtico, dos Cinco Sentidos e das



Três Virtudes. Claro que caso essa subida lhe pareça demasiado cansativa pode sempre fazer uso do funicular disponível, o mais antigo do mundo, em atividade! Na subida pelo Pórtico deparar-se-á com certas etapas da via-sacra, retratadas em capelas (cenáculo, calvário e crucificação, por exemplo). Ao longo da escadaria dos Cinco Sentidos, encontrará a cada lanço de escadas uma fonte equivalente a um dos sentidos humanos (a da Visão com água a ser

expelida pelos olhos, a da Audição com água a ser expelida pelos ouvidos, etc.). Nas Três Virtudes, as fontes da Fé, Esperança e Caridade irão certamente despertar em si arrepios de fascínio. Aceitou o desafio de subir a pé? Então prepare-se que ainda faltam mais uns degraus, primeiro para chegar até ao Largo do Pelicano, com o seu magnífico jardim barroco, e segundo para finalmente pisar o Adro do Bom Jesus, com a famosa Basílica e com estátuas re-

presentativas de personagens bíblicas ligadas à Paixão de Cristo. A simbiose entre a paisagem, a arquitetura e a natureza vão tornar a sua visita a Braga memorável. Importante salientar ainda que, desde julho de 2019, o santuário do Bom Jesus foi classificado como Património Cultural Mundial da Humanidade, pela UNESCO.

Já terminou a sua visita ao Bom Jesus? Então seguimos rumo ao Santuário do Sameiro. Segundo Santuário Mariano de Portugal, este reúne inúmeras peregrinações e visitantes ao longo de todo o ano. Esperamos que já tenha recarregado as suas energias, porque esperam-lhe mais 265 degraus. Mas, não se esqueça valem a pena, confie, até porque este é o ponto mais alto da cidade: 572 metros! Imagine só o panorama que terá... Aqui no Santuário, de

estilo neoclássico, destaca-se evidentemente a imponente Basílica construída em forma de cruz latina, e as diversas esculturas (4 monumentos dos doutores marianos – São Cirílio de Alexandria, Santo António de Lisboa, São Bernardo de Claraval e Santo Afonso Maria de Ligório – e 4 estátuas de anjos – os três arcanjos São Gabriel, São Miguel e São Rafael e o Anjo da Guarda de Portugal). Além disso, os jardins e as praças que o Santuário oferece permitem igualmente, tal como no Bom Jesus, um contacto com a Natureza constante. Informamos ainda que o espaço conta com uma distinção dada pelo Papa João Paulo II, em 2004: Rosa de Ouro.

Se é um fã de contemplar paisagens, a próxima paragem é obrigatória! O Baloço panorâmico de Esporões, é perfeito





para despertar em si sensações de liberdade e deslumbre pelas serras e vales minhotos que avista. Provavelmente já deve ser o final da tarde quando aqui chegar, por isso considere-se um sortudo por este momento, o pôr do sol neste baloiço vai ficar gravado para sempre na sua memória! Depois de tantas emoções e até um teste à sua aptidão fí-

sica, chegou a hora de repousar. Para terminar a sua visita pode ficar a passar um bom momento com a sua cara-metade na esplanada do bar do Parque da Ponte, que fica mesmo colada a um enorme lago artificial. Caso tenha vindo com as crianças, não precisa de se preocupar já que aqui tem um parque infantil para que se divirtam.

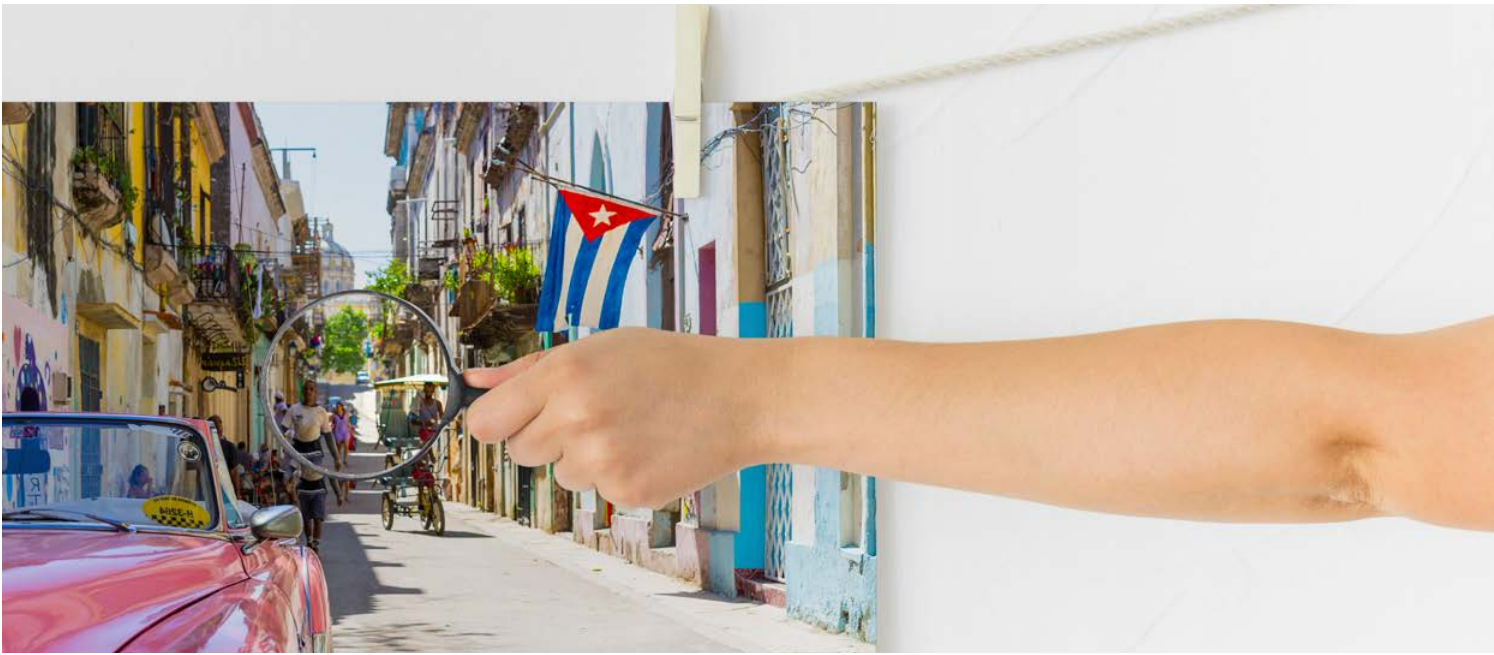


Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| COM LUPA: LÁ FORA

Havana

Da Conquista do Paraíso à Revolução



Atravessamos o Oceano Atlântico até à deslumbrante ilha de Cuba, nomeadamente até à sua capital, a cidade de Havana. A república de Cuba caracteriza-se como uma nação insular, localizada em pleno mar das Caraíbas, e que compreende a ilha de Cuba e arquipélagos de menores dimensões. A história de Cuba assentou sempre na privilegiada posição geográfica que esta ocupa, mais concretamente a proximidade do Mar das Caraíbas com Golfo do México e Oceano Atlântico. De acordo com registos históricos, a ilha Cuba terá sido descoberta por Cristóvão Colombo ao serviço dos reis de Espanha no ano de 1492. A ilha terá sido inicialmente batizada como “Juana”, numa tentativa clara de homenagem do navegador à filha dos atuais reis católicos, todavia este nome depressa terá sido revertido devido à fraca aceitação pelos povos Ameríndios que habitavam a região pré-colonização. Na origem da palavra Cuba, as opi-

niões dividem-se entre historiadores que acreditam que na língua nativa significaria planície ampla, ou ainda a teoria que terá sido na vila alentejana de Cuba em Portugal que terá nascido Cristóvão de Colombo.

Nos anos subsequentes à descoberta e sucessiva colonização espanhola, o povo nativo Ameríndio terá sido dizimado em função de guerras, trabalho forçado, mas principalmente devido a doenças comuns europeias, para as quais não tinham imunidade. A história de Cuba fica associada ao interesse da coroa Espanhola e Britânica pelo controlo do ouro, proveniente da região, e a cidade de Havana serviria então como primeiro porto de embarque entre América Central e o continente Europeu. As condições difíceis de navegabilidade resultaram em diversos naufrágios em pleno mar das Caraíbas, situação que ainda nos dias de hoje entusiasma a indústria da caça a tesouros.

O decurso do Séc. XIX fica ligado ao fim do domínio espanhol, desta forma sucessivas rebeliões e a tensão crescente com a potência emergente dos Estados Unidos da América, viria a mergulhar a região. A guerra hispânico-americana viria a terminar em 1898, através do tratado de Paris, que viria a conceder entre outras nações, o controle de Cuba aos Estados Unidos. Digamos que o intento americano nunca foi ocupar a região, mas sim manter uma espécie de controlo militar. Estávamos numa época de pirataria e o controlo do mar das Caraíbas era essencial para as exportações. Em 20 de maio de 1902, cessa o controlo americano, passando a existir a recém-formada república Cuba, desta forma a ilha conquista finalmente a sua independência.

A chegada a Havana, é efetuada através do aeroporto internacional José Martí que dista a uns meros 15km do centro da cidade. A maior parte da ilha encontra-se a norte do equador, beneficiando de ventos quentes que promovem a denominada corrente de caribe. O melhor período para visitar a ilha encontra-se compreendido entre os meses de outubro a abril, recorde que estamos numa região conturbada e sujeita a fenómenos atmosféricos como furacões. A moeda usada em Cuba pelos cubanos é o Peso Cubano, todavia é normal em todo lado seja aceite o dólar/euro, aliás esta é a grande forma de financiamento da economia local, desta forma é natural que efetue pagamentos em dólares, e que lhe seja devolvido o troco em pesos cubanos. O povo cubano é naturalmente simpático e muito correto com o turista, sendo natural abordagem na rua para uma simples conversa.

Os primeiros aparências da cidade é assustadora, parece que entramos num filme do regresso ao passado, numa

versão americana de uma cidade arrasada pela guerra. Sucessivos embargos americanos condenaram a cidade construtivamente, ou seja, os traços arquitetónicos americanos dos anos 50 perduram, todavia descuidados e com vestígios das diversas revoluções.

Havana Velha – Habana Vieja

Havana Velha caracteriza-se como o centro histórico da capital cubana, sendo sem sombra de dúvida um dos locais mais interessantes da cidade. Vagueie pelas ruas ao fim do dia e contemple os bairros, repletos de crianças a brincar, bares e restaurantes cheios, e a cada esquina músicos de rua ao ritmo da contagiante música cubana.

Em Havana Velha, visite a praça da catedral: estamos perante o maior ex-libris do estilo Barroco. A praça construída sobre um antigo pântano evidencia um empedrado característico, assim como os monumentos mais importantes da cidade. Nesta praça, é possível visitar a Catedral de San Cristóbal, Palácio do Conde Lombillo e o Museu de Arte Colonial.

Explore os recantos de Havana velha e termine o dia na famosa La Bodeguita del Medio, famoso bar conhecido como o local onde o escritor Ernest Hemingway saboreava os famosos cocktails. Aliás de acordo a própria gerência do bar, terá sido aqui que nasceu o famigerado Mojito.

Capitólio – El Capitolio

Construído em 1929, e de execução semelhante ao edifício do capitólio dos EUA em Washington, terá albergado os sucessivos governos de Cuba até à revolução em 1959. Sendo um local aprazível, permite ao visitante imaginar o que seria Cuba nos anos pré-revolução e a influência americana.





Castelo do Morro - Castillo de los Tres Santos Reyes del Morro

O Castelo conhecido como Castelo dos Três Reis Santos do Morro, terá sido construído entre 1589 e 1630, com o principal propósito de defender Havana da pirataria. Terá sido construído pela coroa espanhola, sendo possível ainda observar as características arquitetônicas renascentistas, e que de forma homogênea se disfarçam com o terreno rochoso circundante.

As histórias deste forte são inúmeras, e terá sido palco de diversas batalhas, sendo que apenas em 1762 terá sido invadido no seguimento de um cerco de 44 dias efetuado pelas tropas da coroa britânica.

Praça da Revolução - Plaza De La Revolucion - Havana

A praça mais conhecida de Cuba é um dos cartões-postais mais famosos da cidade. A popularidade da praça representa para o turista mais distraído apenas um local amplo, onde figura a mítica escultura metálica de um dos heróis da revolução cubana, Che Guevara. Estamos perante a maior praça da cidade construída pelo ex-ditador Fulgêncio Batista, e palco dos mais emblemáticos discursos de Pró-Comunista de Fidel Castro. Recomendo que leve proteção para o sol tórrido visto que a praça é parca em sombras.

No centro da Praça da Revolução, é possível ainda observar o memorial de José Martí, o grandioso pensador cubano, responsável pelos ideais sobre o qual assenta a atual governação do povo cubano.

Universidade de Havana

Nas imediações do bairro do Vedado, é possível visitar uma das universidades mais antigas da América, nomeadamente a Universidade de Havana. A escadaria é impressionante, actualmente conta com 60 mil alunos, e alberga uma das maiores livrarias. Na proximidade da escadaria da Universidade, encontra-se o monumento a Julio Antonio Mella, dedicado ao líder estudantil responsável pela fundação do Partido Comunista Cubano.

Certamente que neste local será abordado por estudantes que possivelmente tentarão estabelecer conversa com os turistas na perspectiva de enriquecimento pessoal, não entre em pânico o povo cubano é hospitaleiro e curioso sobre a sua proveniência e vivências fora da ilha.

Praias - Varadero e Cayos

Quem procura visitar Cuba espera uma mescla de visita por uma cidade retro e as famosas praias de areias brancas. A cidade de Havana apesar de à beira-mar plantada, não tem



praias de areia, apenas alguns pontões em pedra na qual os turistas podem observar pequenos tubarões que se aproximam da terra.

A busca de praias de água cristalina conduz os turistas a praias como Varadero ou Cayos (ilhas cujo acesso só é possível de barco). Esta praia consiste numa língua de areia repleta de hotéis para todos os gostos. Neste local, o turista pode esperar dias de descanso repletos de mojitos. As unidades hoteleiras adaptaram-se às necessidades turísticas: os turistas poderão realizar passeios Moto 4, passeios a cavalo, vela, pesca submarina, mergulho, entre outras atividades.

Vida Noturna - La Movida Cubana

Havana tem a particularidade de se transformar, a vida noturna é única, comece por um jantar acompanhado de mú-

sica cubana. Dirija-se para Havana Velha, procure um clube local típico, delicie-se com rum e um belo charuto cubano. Um dos melhores produtos de cuba é sem dúvida os charutos, existindo diversas marcas e com preços muito em conta comparativamente aos praticados na Europa.

Acabe a noite num belo carro descapotável, assista ao nascer no sol na marginal de Havana. É sem dúvida um momento épico ao melhor estilo dos filmes norte americanos. Cuba é um paraíso de vivências. Existe música um pouco por todo o lado, as cidades são antigas, mas belas, os cubanos são afáveis e comunicativos, as praias de areia branca e água cristalina, e a cidade apresenta um aroma a café, a rum e a tabaco. De Havana a Viñales, de Trinidad a Remédios, passando pelos cayos, Cuba é um destino de viagem inesquecível.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| FALAR PORTUGUÊS

Qual é a origem da palavra «filho»?

Há uma surpresa embaraçosa escondida na palavra «filho»...

Quem os tem, sabe bem do que falo: filhos pequenos em casa num tempo como este o que mais fazem é sugar a paciência aos pais. Para distrair um pouco, pus-me a escavar a origem da palavra «filho». Há uma surpresa por lá enterrada...

Grande parte das línguas da Europa descende de uma língua antiga com o lindo nome de proto-indo-europeu. O nome que os seus falantes lhe davam seria outro, bem mais simples — espero.

Sem certezas, podemos apontar para o território da atual Ucrânia como o mais provável cenário das conversas nessa língua, que veio a dar origem a línguas tão díspares como o português, o inglês, o irlandês, o russo, o grego, o persa, o sânscrito, entre tantas outras.

Os linguistas reconstruíram a forma da palavra para «filho» nessa língua: «*suHnú» — o asterisco indica que estamos perante uma palavra reconstruída, sem registo escrito.

Seria esta a palavra que os filhos ouviriam da boca dos pais, ali pelas costas do Mar Negro, há uns bons 5000 anos: «Ó suHnús, anda para casa, que já é nók^wts!».

De há 5000 anos para cá, muita coisa aconteceu. O proto-indo-europeu dividiu-se em várias línguas, que por sua vez se dividiram noutras línguas, sempre com mudanças — algumas graduais, outras bem mais radicais.

No caso da palavra para «filho», há línguas que receberam, depois de muitas pequenas mudanças, a palavra proto-indo-europeia. É o caso do «son» inglês e do «сын» («syn») russo, só para dar dois exemplos.

Mas, no caso das línguas latinas, houve um pequeno acidente de percurso. A certa altura, os falantes deixaram de lado a velha palavra e começaram a usar outra...

Façamos a viagem em direção ao passado. Do nosso «filho», chegamos (com um salto apressado) ao «filius» latino. A palavra latina descende da palavra «*feiljos» do proto-italico, uma língua anterior ao latim. Por fim, essa palavra veio do tal proto-indo-europeu, onde tinha a forma «*d^heh₂yljos».

O curioso é que a palavra, nessa língua antiga, tinha outro sentido. Significava «sugador»! Afinal, um filho era o que mamava.

Em que momento da história a palavra para «sugador» passou a ter o significado de «filho»? Não sabemos, mas

terá sido há mais de 3000 anos... Lá que é um grande salto, lá isso é. «Tenho lá em casa dois sugadores...» Diga-se que a mesma palavra proto-indo-europeia deu origem a outras palavras, como «feminino» e (tapem os ouvidos aos pequenos) «felação»...

Muitas palavras deram estes saltos — aliás, sem sair do mesmo tema, o gaélico escocês «mac» significa filho — basta pensar num nome de restaurante muito conhecido fundado por um filho dos Donald (ou seja, da família Donald)... O tal «mac» tem origem na palavra do proto-indo-europeu para «criar» ou «tornar maior». Um pouco menos embaraçoso que os nossos «little suckers».

As palavras estão sempre em mudança. A nossa própria palavra «filho» lá continua a mudar. No Brasil, em muitos registos, é comum ouvirmos a palavra sem o «lh», aproximando-se da forma noutras línguas latinas, como o romeno «fiu». Em Portugal, o som /u/ final está muito desbastado: já não arredondamos os lábios e, por vezes, já nem o dizemos. Nada a temer: o francês é a mais desbastada das línguas latinas e poucos se queixam. As línguas rapidamente acrescentam outros materiais, num lento processo sonoro de erosão e sedimentação, dificilmente observável nas poucas décadas em que ouvimos a nossa própria língua, mas que se nota quando olhamos para as línguas ao longo de centenas ou milhares de anos.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

O IVA nas empreitadas de beneficiação de habitação própria

contact@rfflawyers.com

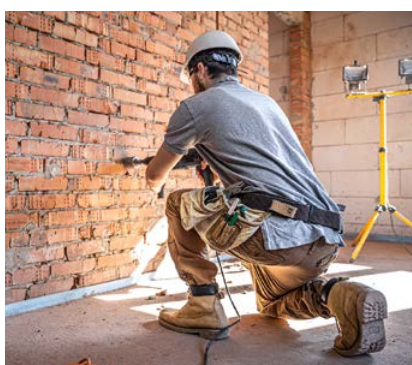
<http://rffassociados.pt>

As prestações de serviços de empreitada têm um tratamento diferente em sede de Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) no que respeita à taxa aplicável. Dispõe o Código do IVA que as empreitadas de beneficiação, reparação ou conservação de imóveis – ou partes autónomas destes – afetos à habitação, se encontram sujeitas à taxa reduzida de 6% (4% e 5% nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, respetivamente).

Estão também abrangidos pela taxa reduzida os materiais incorporados, desde que o seu valor não exceda 20% do valor global da prestação de serviços.

O “beneficiário” da aplicação da taxa reduzida de IVA é o dono da obra, quer se trate do proprietário ou do locatário, podendo o condomínio ser também considerado beneficiário desde que a obra seja realizada num imóvel afeto à habitação e o condomínio esteja isento de IVA.

Desde o seu aditamento ao Cód-



go do IVA que a aplicação destas normas suscitou dúvidas nos contribuintes, tendo a Administração tributária vindo a emitir sucessivos ofícios que esclarecem a sua interpretação nesta matéria.

De acordo com a Administração tributária, devem considerar-se abrangidas pela taxa reduzida de IVA as prestações de serviços de empreitadas de beneficiação, reparação ou conservação realizadas em imóveis afetos à habitação. Estão, contudo, excluídas as obras de construção e similares, como acréscimos ou reconstruções, e, também, as empreitadas sobre bens imóveis afetos a atividades

profissionais, comerciais, industriais ou administrativas, e ainda trabalhos de limpeza, manutenção de espaços verdes e empreitadas sobre bens imóveis que abranjam elementos constitutivos de piscinas, campos desportivos ou instalações similares.

Esclarece, ainda, a Administração tributária que a taxa reduzida se aplica, apenas, a serviços efetuados em imóvel (v.g., fração autónoma) afeto em exclusivo à habitação. Defende aqui uma interpretação, restritiva, que exclui serviços de reparação de partes integrantes de imóveis afetos à habitação, como elevadores ou escadas rolantes.

A propósito do fornecimento de materiais no âmbito da empreitada, a Administração tributária esclarece, igualmente, por último, que a taxa reduzida será aplicável na totalidade se os materiais incorporados na empreitada representarem um valor igual ou menor a 20% do custo total.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

FISCAL

Trabalhadores Transfronteiriços II Parte

Ao apresentar esta documentação, a entidade patronal poderá deixar de fazer retenções na fonte sobre os rendimentos do trabalhador transfronteiriço.

No portal das finanças é possível consultar todas as Convenções assinadas por Portugal com os outros países, em particular o que diz o artigo 15º, que fixa as regras aplicáveis aos trabalhadores dependentes.

Por vezes o empregador exige a abertura de uma conta bancária no país onde trabalha. Ora, quando ambos pertencem a um país da zona euro, o empregador não pode exigir isso, já que na zona euro deixaram de existir contas bancárias nacionais, todas são europeias, não havendo, por isso, qualquer acréscimo de custos por se usar uma conta bancária criada noutro estado membro.

Caso o empregador não pertença a zona euro, então sim pode fazer esta



exigência caso prove que a transferência do seu salário lhe sai mais cara. Segurança Social

Em regra, para se trabalhar num país, em primeiro lugar é necessário tratar da respetiva inscrição no sistema de Segurança Social desse país, ficando assim o trabalhador e a sua família cobertos. Quer isto dizer que as prestações sociais a que tem direito (assistência médica, abono de família, desemprego, pensões, acidentes e doenças de trabalho, reforma e prestações por morte) ficam a cargo do país onde exerce a sua atividade

profissional. Por outro lado esse país também é quem recebe as contribuições para a Segurança Social do trabalhador.

No que toca à Legislação Fiscal e à Segurança Social, o trabalhador transfronteiriço terá que ter em conta, as disposições legais da União Europeia e as particularidades normativas de cada país, para conhecer o seu correto enquadramento legal, que permitirá exercer todos os seus direitos e cumprir com todas as suas obrigações.

Não esquecer também de analisar as implicações legais e de seguros, por usar a mesma carta de condução e o mesmo veículo, no país de residência e no país onde exerce a sua profissão. Mais do que nunca neste domínio as dúvidas facilmente surgirão, renovamos, portanto, a recomendação que para no caso da existência de dúvidas não hesite em contactar um contabilista certificado.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

Ei![®]
Assessoria
Migratória

WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA OS SEUS SONHOS VIVA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO